1$500

rio de janeiro 6 de fevereiro 1932

NUM. 686

PARA

TODOS...

Para todos...

Directores

Alvaro Moreyra e Oswaldo Loureiro

Assignaturas
1 anno — 75$000
6 mezes — 38$000

Rua do Ouvidor 181 — 1.º
End. telegr.: "Paratodos"
Telephone: 2-9654

Photographia colorida

(FIM)

dizendo que elle era um poeta, ella teve o "coup de foudre". Lembrou-se de todas as canções de café-concerto que ella cantava quando operaria. "Revieus... Reviens mon amour..." etc., ou então: "Quand reviendra le temps des cerises..." Teve uma pequena decepção quando Juliano recitou-lhe versos delle. E' meia bôba, mas muito bonita. Assemelha-se a um passaro infeliz. Os olhos são muito grandes, a bocca muito pequena, as mãos muito gordas, os tornozellos muito finos. Córa quando ouve uma palavra pesada porque a mãe batia-lhe sempre que dizia, gosta muito [illegible] alcool porque o pae o amava apai[illegible]e. "E' uma bôa rapariga", diz a gorda Julia que a protege, a gorda Julia que mantém o bar Batis'ts.

Bertha gosta de Juliano. A reciproca será verdadeira? Juliano pretende que sim, mas elle é tão occupado que não pode manifestar a sua affeição. Bertha tem uma grande admiração por esse rapagão que fala tanto, que é tão esportivo. Ás vezes Juliano leva-a a um *match de rugby*. Ella não comprehende nada mas olha Juliano se agitar e acha-o muito forte. Juliano bem que procura explicar-lhe o jogo mas Bertha não comprehende nada. Ella abre os grandes olhos e vê Juliano passar bufando como um expresso.

Hoje ella está triste porque Juliano promettera não se atrazar e, como de costume, ella já o espera ha tres quartos de hora. A porta se abre com violencia: Bertha levanta-se: reconheceu o ruido. "Bertha, de pressa, vou te levar para almoçar no mercado". Elle aperta a mão do "barman", da dona da casa, faz uma aposta com um freguez. Bertha, na porta, espera. "De pressa!" grita Juliano. Agarra-a pelo braço, entram no taxi. Juliano indaga novidades de Bertha, detalhes sobre a sua saude. O carro continúa parado. Juliano se impacienta. "Ande!" grita ao *chauffeur*. E Juliano dá longas explicações para se desculpar do atrazo. "O meu poema, comprehendes, é preciso que eu termine o meu poema!" Bertha ouve, pôe pó de arroz; olha para Juliano. Juliano olha para ella. "Estás linda hoje", diz Juliano que procura se censurar. "Tu estás nervoso", responde Bertha. "Como? Estás louca, querida. Nunca me senti tão bem. Daqui a pouco vou jogar *tennis*, vaes ver!" Mas está inquieto. Pensa alto: "Estarei de facto nervoso? Creio que é por causa do meu romance que não anda. Bertha, já sabes o assumpto do meu romance?" Bertha esfrega as unhas. "E' assim. Um moço morre. Todo mundo está triste. Os parentes, os amigos. Descrevo o enterro, as flores, as corôas. Choram o desapparecido". E Juliano continúa. Bertha acha muito bonito como tudo que Juliano faz. Elle se enthusiasma. De repente o taxi pára. Juliano olha, não reconhece o mercado, desce do carro e certifica-se de que está na Porta Maillot. Indignação. O *chauffeur* explica. "O senhor me disse: Ande!" "Sahida falsa, accrescenta Juliano. Almoçaremos aqui, Bertha".

E o dia de Juliano começa.

Bertha segue-o. Como todos os dias, elle vôa como uma libellula, como todos os dias fala como um grillo, como todos os dias explica o romance á maneira dos esquilos. O dia passa, a febre augmenta. Juliano se sente fatigado, não quer mais repousar como um javali. Ás cinco horas quer voltar para casa. Bertha não quer deixal-o. Chora, Juliano se impacienta. "Meu romance!" Foge, marcando *rendez-vous* com Bertha ás onze horas na casa della.

Chegando em casa Juliano não quer perder um minuto. Põe-se a escrever. Ás 6

horas, Alfredo chega. Juliano empresta-lhe 100 francos, mas com duas condições: Alfredo deverá partir immediatamente e Alfredo jogará *tennis*. Está promettido. Elle escreve: "A morte de Victor surprehendeu todo mundo. Lamentavam. "Tão joven", diziam. E pensavam no poeta, no escriptor. Elle era tão vivo..."

ETC...

A Klosterkirche, uma das quatro igrejas medievaes de Berlim, que se acha no centro do velho Berlim, acaba de ser restaurada. Ella data de 1290 e foi construida pelos monges franciscanos, no estylo gothico com tijolos, estylo muito usado no norte da Allemanha. A nave principal, com 52 metros de comprimento, lembra ainda o estylo romano, mas o côro, com as suas janellas altas e largas, é puramente gothico. Do antigo claustro franciscano ligado á igreja e que foi supprimido depois da Refórma, subsiste ainda a sala do Cabido e algumas outras peças. No fim do seculo XV, Leonhard Thurneisser, medico do Eleitor de Brandebourg, installara lá um laboratorio de astrologia e de alchimia, assim como a primeira officina de impressão de Berlim. Em 1574 esse claustro alojou igualmente o primeiro lyceu fundado em Berlim sob o nome de "Gymnasio do Claustro Cinzento". O gymnasio existe ainda: Bismarck figurou entre os seus alumnos.

E' a profunda ignorancia que inspira o tom dogmatico... — *La Bruyère*.

O conhecido artista emquanto se veste, conversa; o seu camarim está sempre cheio.

— A proposito, vocês sabem que o velho B... enganou Edith de uma maneira odiosa sobre a idade delle?

Edith é uma joven figurante que ultimamente foi retirada do palco por um velho banqueiro millionario... retirada e desposada...

— Sim... pobrezinha!... Elle jurára contar setenta e cinco annos... e, depois do casamento, confessou-lhe que tem apenas sessenta!!!

Os males reaes me atacam pouco; facilmente tiro partido dos que experimento, mas não dos que temo. A minha imaginação amedrontada calcula-os, vira-os, dilata-os, augmenta-os. Esperal-os me atormenta cem vezes mais do que a presença delles e a ameaça me é mais terrivel do que o golpe. Assim que elles chegam, o acontecimento, tirando-lhes tudo que tinham de imaginario, os reduz ao justo valor. Acho-os então muito menores do que imaginava e, no meio do soffrimento, não deixo de me sentir alliviado. — *J. J. Rousseau*.

Num theatro de provincia representavam um drama medieval. Em scena Luiz XI rodeado da sua côrte. Na sala, pouca gente. O bastante para achar os artistas inferiores e para demonstrar as suas opiniões, por murmurios discretos. Um dos actores, farto dessas manifestações hostis, avançou até a beira do palco, e, dirigindo-se ao publico, disse sem colera, mas com firmeza:

— Tomem cuidado! bem vêem que somos mais numerosos!...

Quando lerem uma biographia, lembrem-se de que a verdade nunca é propria para ser publicada. — *Bernard Shaw*.

Lembranças

(F I M)

"aus" energicos rythmando o esforço dois dois operarios a cada movimento da alavanca, no intervallo do tempo em que deixavam de caminhar um ao lado do outro como dois animaes do tirante.

Issoia assim, até o momento em que accenderiamos as lampadas que indicavam repouso; assim, até á noite, até o esgotamento absoluto do corpo, que nos deixava apenas a força necessaria para chegarmos á casa. A nossa vida era fadiga, e embrutecimento. Tinhamos a resignação desses cães de cuteleiros empregados nas antigas manufacturas, que, prisioneiros numa gaiola circular como os esquilos, rodavam o rebolo; e o pesado rebolo que rodavamos nos esmagava irresistivelmente cada dia mais. Pois nenhum de nós pensava na servidão e a nossa submissão vinha da força indifferente do habito. Quanto a mim, foi necessario que se passassem muitos annos depois desse acontecimento, para que eu me désse conta da nosso sorte.

Da cabeça dos outros

HA uma idade em que a vida parece se retirar da felicidade, como os lagos que o verão prolongado devora entre as margens.

J. P. TOULET.

AQUELLE que emprega toda a sua energia e toda a sua perseverança em proseguir um fim unico, não póde deixar de vencer.

MARDEN

E' a vida, e não a morte, que separa a alma do corpo.

RAUL VALÉRY

NÃO ha pobres homens... ha homens pobres...

JEAN LORRAIN

SI as mulheres soubessem que muitas vezes as evitamos porque as amamos!

BARBEY D'AUREVILLY

Quadros antigos

Segundo o "New York Herald", André Mellon, Ministro das Finanças e um dos homens mais ricos dos Estados, adquiriu alguns quadros provenientes do Museu da Ermitage de Leningrad, para a sua collecção particular. Entre as telas celebres que já figuram na collecção de André Mellon, figuram: uma Annunciação de Van Eyck, um retrato de Van Dick e um retrato de Hélène Tourment, de Rubens. As novas acquisições attingiram a somma de 8 milhões de dollars.

CARNAVAL

Vida, você me conhece?

Sob o carão de alvaiade ha uma outra face marcada pela saudade.

Pierrot! Sempre o mesmo toleirão que em tres dias botou fóra o dinheiro e o coração.

Passam farandolas doidas.

O Zé-Pereira retumba: Isto é bom, é bom, é bom...

—Vida, você me conhece?

E embalde grita o zabumba que isto é mesmo muito bom, Pierrot não acredita, toleirão, sentimental, porque ele é a nota dolente, semitom do Carnaval.

—Pierrot, deixa de fita, (Vida, você me conhece?) que isto é bom, é bom, é bom. Não parece, não parece. Mas é mesmo muito bom, muito bom, bom, bom...

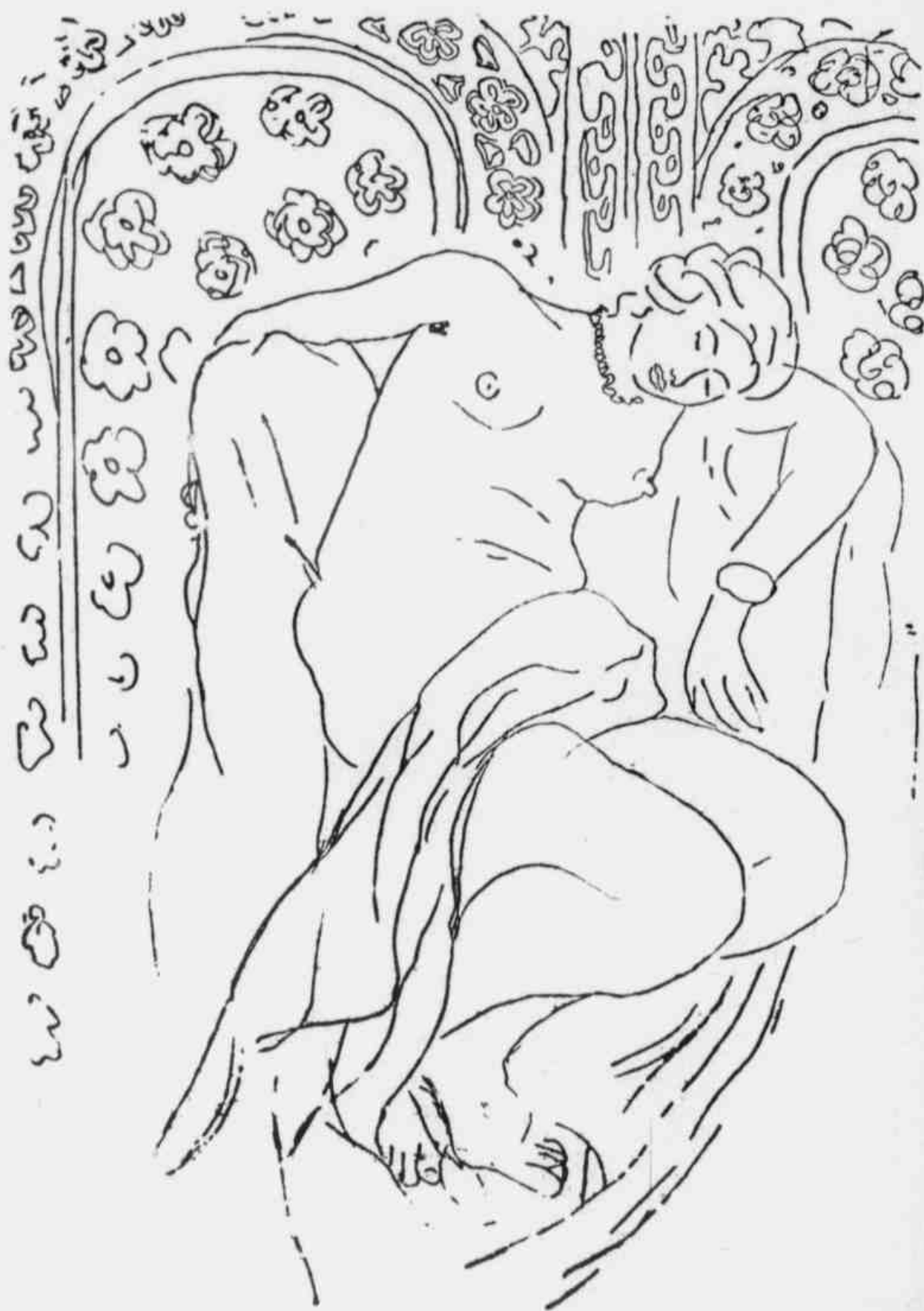
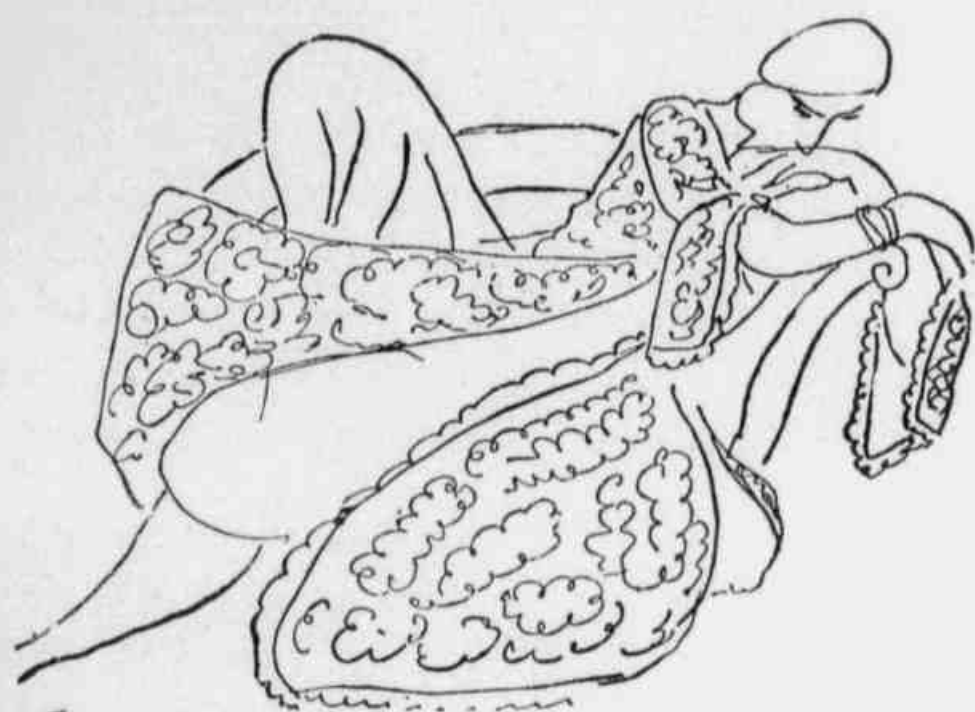
THEODEMIRO TOSTES

O DESTINO DE MATISSE

MATISSE, POR ELLE MESMO

O DESTINO de Matisse é singular nisto: n se póde seguir a curva da sua obra "do interior", collocando-se a pessoa no centro da obra, mas só se póde determinal-a pelo contacto que elle teve com a época e o publico. A palavra publico talvez pareça excessiva e lembre desagradavelmente a carreira dos velhos pintores do Instituto que, como o actor estuda um papel, preparavam os quadros para o Salão e cuja unica ambição era que o trabalho enviado constituisse uma das "attracções".

Com effeito, Matisse não é um pintor de anecdotas e a sua carreira não acompanhou as étapas de uma hierarchia official. Entretanto, alguns pintores da sua geração só tiveram com os costumes do tempo furtivos e invisiveis contactos. Dir-se-ia que os ruidos exteriores não chegaram até elles. E si nos fizeram alguma confidencia, foi sómente a da confrontação com o "motivo". Nunca encontramos nelles o resultado directo de uma preoccupação de doutrina, de moda, ou de mania da época. Quando essa especie de inquietude se manifesta na obra de algum delles, é indirectamente, como por allusão ou, no mais das vezes, sem que elles-mesmos se tenham apercebido ou sem que pareçam ter percebido. O desenvolvimento da obra desses é como o de uma germinação. Mas a curva da evolução de Matisse é cheia de sobresaltos e de agitações. Sóbe e desce. Uma linha em zigue-zague indica mil accesos de febre. Reações provando que o organismo não está em perfeito equilibrio, que luta contra os germens introduzidos. Não é facil ler o declinio á temperatura normal na graphia dessa curva. Não se sabe exactamente qual é a temperatura normal de Matisse. Sentimo-nos tentados a fixal-a no nivel desses estados de beatitude em que tudo é suavidade de tons e nirvana quasi morphiniaco, luxo voluptuoso e indecisa serenidade. Mas, com um homem inquieto como Matisse, não se sabe nunca. Perguntamos a nós mesmos si a perfeita beatitude que reapparece na sua obra periodicamente e que de alguns annos para cá parece não a ter abandonado, é um effeito da saude, da febre ou de qualquer intoxicação difficil de diagnosticar.

Nenhum pintor é tão favorecido quanto Matisse. Ninguem o negou. Apenas sahido da Escola de Bellas Artes, onde, com prazer acreditamos, ninguem teve a pretenção

NÚ, POR MATISSE

DESENHO DE MATISSE (1931)

Por Léon Werth

de lhe ensinar nada, os camaradas se maravilharam com o seu senso, que se poderia chamar organico, de apanhar e manear os matizes mais subtis.

Matisse libertou-se logo do Academicismo da Escola sob a influencia dos grandes Impressionistas, depois dos Néo-Impressionistas. Os seus admiradores pensavam então que elle não necessitava mais de fio de prumo. Elle foi mais modesto: teve receio de não sentir todas as emoções do tempo, que eram emoções de doutrina, metaphysica de mercado ou de "boudoir". Meditou sobre a superficie como um philosopho medita sobre a estensão. Fez a sua cura de "misturas". Tão bem que nunca se libertou completamente de um certo academicismo de escola. Não se mata com esse academicismo academicismos de alta moda.

E' por isso que os desenhos de Matisse ora continuam sujeitos a alguma convenção escolar, ora nos encantam com a graça de um arbitrario arabesco. Assim Matisse nos seus quadros, é academico todas as vezes que se recusa a crear paraisos artificiaes, nos quaes a sua côr penetra no academicismo da Escola e o dissolve.

Depois de um pequeno periodo divisionista, Matisse tornou-se uma especie de phenomeno europeu da pintura. E todas as inquietudes doutrinaes da Europa, deixou que se relacionassem com elle. Será um logrado? Ou procura uma artificial excitação?

Destino singular: apenas se insiste sobre os seus dons admiraveis. Mas admira-se nelle todas as qualidades que lhe faltam, que estão fóra da sua natureza e que elle persegue systematicamente por periodos alternados. Só se preoccupa com a ordem ou a deformação, o equilibrio ou o caracter. Escuta a mysteriosa suggestão das superficies. Mas para que uma mancha se torne superficie, elle a cerca num recinto, a sitia. E chega a esquecer que as suas melhores telas são espontaneamente "luxo, calma e voluptuosidade", que elle sabe crear um universo de caricias, onde a vida bruta não pode entrar, nem o sentimento, nem a grandeza intellectual, á qual elle aspira.

A originalidade de Matisse é que, si se restitue o verdadeiro senso á palavra impressionista, Matisse é o mais impressionista dos pintores, o unico talvez. A percepção de todos os pintores é pesadamente carregada de sentimentos e de conhecimento. E a renuncia mesmo dos Impressionistas ás bagagens tradicionaes não é mais do que lyrismo: lyrismo dos sentidos que se desvendam a elles mesmos e descobrem a mobilidade do mundo, lyrismo de uma fé renovada na natureza e na verdade. Em Matisse, a a percepção se faz mais leve e se despoja. E na medida do possivel, elle vive num mundo de sensações.

E, no mesmo periodo — periodo que já ficou atraz — em que todas as formas da pintura convergiam contra o impressionismo, no periodo em que todos os constructores tentavam uma empreitada de demolição contra todas as obras nas quaes persistisse um estylo de pintor, em todo o periodo em que se pretendia mais ou menos claramente attingir uma arte conceptiva ou antes preconceptiva, Matisse gosou do formidavel e paradoxal previlegio de não ser regeitado pelos novos que accusavam de anecdotismo todos os pintores da sua geração.

Matisse, ás vezes, parece ter querido realizar não se sabe que especie de pintura absoluta, onde um Sélénite, um Martien, ignorantes de tudo que existe na terra, descobrissem um Paraiso de côres. Mas, seguidamente, elle se entregou á busca de absolutos de pacotilha e de eternidades de camelóte, em companhia de pintores que tinham a excusa de não possuir os seus dons.

A obra de Matisse é feita com uma singular alternativa: télas de uma extraordinaria graça e télas um pouco ocas, cujos vacuos não são preenchidos pelas abstratas intenções que nellas se revelam.

Tambem é preciso não vêr nisso sinão um tributo pago á época e a marca de uma modestia inquiéta, que não se satisfaz com os dons mais incontestaveis.

E um dia, sem duvida, quando Matisse estiver velho, com a gloriosa velhice dos pintores que não ouvem mais os ruidos do mundo, attingirá, pelos proprios meios do seu officio, á grandeza e á serenidade que não se incorporam ás obras por decisão de espirito. Foi esse o destino de Renoir que amava as caixas de bonbons e que realizou os mais bellos arabescos por uma invenção devida apenas á pintura.

MULHER DEITADA, POR MATISSE

Não é fantasia.
E' Madame Pompadour pintada por Van Loo.

A farandula que chega

EIL-A, ahi vem ! Approxima-se a farandula de todos os annos. Vão passar em breve, ante nós os mesmos mascaras, as mesmas côres e os mesmos trajectos: é a repetição continua, incansavel e imutavel...

Eil-os, parecem passaros multicôres que se reunem para alegrar-nos e nos tornar menos amargo o travo doloroso da vida, amenizando-nos um pouco a triste realidade de todos os dias, dos dias que nós aguardamos apenas passe essa orgia temporaria da caravana carnavalesca.

As serpentinas cruzam os ares como serpentes loucas. Os conffetis cahem e bailam no ar como um bando de estrellas cadentes. Os lança-perfumes ennebriam com a potencialidade sonhadora do ether.

O Carnaval chegou:

"O teu cabello não nega
Mulata
Porque és mulata na côr
Mas como a côr não pega
Mulata
Mulata eu quero o teu amor.

Estamos envolvidos pela farandula alegre dos que hontem choravam e lamentavam a crise.

Emfim "pra que chorá ?"

A eterna triologia inseparavel, o eterno triangulo humano não falta nunca a exhibição annual.

Pierrot, Colombina, Arlequim. E não devem faltar nunca, porque são os unicos mascaras que se encontra um pouco do reflexo da vida, porque representam a humanidade em frente á deliciosa e immorredoura inconstancia feminina.

"Olha, escuta meu bem.
E' com você que estou falando, Nenem
Este negocio de amor não convém
Gosto de você mas não é muito... muito".

Proliferam ciganas, só porque a fantasia é economica e permitte algumas reflexões sobre a arte de adivinhar.

E pensa-se que as mulheres que assim se disfarçam devem ser excessivamente curiosas e inquietas, porque esse é o disfarce dos que ignorando tudo, desejam estar ao par de tudo atravez do sortilegio.

Ahi vem os apaches e apachinetes, num andar cadenciado e molle, olhando o chão e tendo para os que estão ao lado o despreso inconsciente das almas objectas.

São symbolos de sangue e de sonho.

Cantores da dor, poetas do sentimento.

Levam seus gorros cahidos sobre os olhos evitando os raios solares, emprestando-lhes esse disfarce, uma expressão estranha de inquietude e mysterio.

E a farandula continua passando num infrene cabriolas:

"A, é, i, o, u.
Dabliu... Dabliu..."

Bahianos, jardineiros, roceiros, fidalgos etc. e a seguir os palhaços.

Palhaços. Sonhos de infancia. Tempos de puericia que não voltam mais. Atraz delles a garotada corre. Palhaços ! idolos dos que começam a vida. Symbolos dos que a estão terminando.

"Com a letra A
Começa o amor que a gente tem
Com a letra A
Começa o nome do meu bem".

Fantasias diversas, de pedaços de um panno vulgar que as mãos finas e fidalgas da mulher brasileira transforma num gracioso e artistico disfarce.

E todos passam cantando.

Passam ao nosso lado e perdem-se á distancia nossa longa, caravana, onde leva tambem os que se disfarçam, porque andam mascarados o anno inteiro.

(Termina no fim do numero).

Do Rio a Santos numa "Yole"

Chegada ao Rio dos tres remadores do Flamengo: Angelú, Engóle Garfo, e Bocca Larga, que a cidade recebeu com enthusiasmo immenso.

No Club Naval durante a recepção dos tres denodados tripulantes da "Flamengo" aos quaes o Almirante Protogenes offereceu uma taça de champagne.

Dialogo com Graça Aranha

Jayme de Atouguia

— "Boa tarde, querido Mestre".

— "Amigo, boa tarde".

— "Mestre, estes dias de verão brasileiro tu os descreveste em toda sua magia, pintando-os como ninguem".

— "Elles têm para mim uma significação superior. São a materia mesma de minha arte e, em consequencia, de minha philosophia. A luminosa festa das côres, das fórmas, dos perfumes, dos sons, que o sortilegio tropical creia para maravilha dos sentidos é o meu grande espectaculo. E' o Grande Espectaculo do Universo. Foi em dias de verão que realizei completamente meu pensamento philosophico. A fantastica fragmentação multicôr das coisas que nos cercam, nos atráem, nos ataratam e, quando é maxima a intensidade da luz, a fusão definitiva dos elementos dispersos... Tudo se confunde na irradiação maravilhosa. Perdem-se os contornos, dissolvem-se as arestas, apagam-se as limitações. A kaleidoscopica variação objectiva, perpetuamente movel, indica ella propria, na sua rapida mutabilidade apparente, a Unidade real. E' esta que subsiste. O espectaculo tropical é bem um symbolismo philosophico perfeito, com todos os seus enigmas seductores".

— "Mestre, tua metaphysica é cheia de belleza. Por isto tu a transmitiste em expressão verbal tão singularmente formosa".

— "Eu digo o que sinto. E sinto sempre estheticamente. Não me isolo na pura abstração subjectiva, paralysada, esteril e algida. Realizo inteiramente o objectivismo dynamico. Minhas palavras, como os meus actos, traduzem tudo que vibra dentro de mim. A ansia permanente do Bello, que permitte a libertação, integrando a intelligencia humana na Unidade cosmica".

— "Sim, jámais se conseguirá deformar tua personalidade captivante. Teu ideal esthetico conduziu em todas as occasiões, por mais graves e difficeis, a corajosa energia de teus esforços sobrehumanos. Combates sempre lealmente".

— "Sou filho do livre intellectualismo brasileiro".

— "Espirito genuinamente brasileiro, não te desconsolas de sel-o. És estrangeiro á melancolia brumosa de Rodembach, ao saudosismo lyrico portuguez e assim ao snobismo saint-germain de Montesquieu, como tambem á tortura psychologica russa e ao mysticismo ingenuo de Tagore. Na tua obra ha o Brasil com todo o seu calor, o calor brasileiro que faltou a Machado de Assis".

— "Machado de Assis quiz alhear-se voluntariamente do fatalismo ambiente. Eu nunca pretendi fugir ao sortilegio da nossa natureza. Sinto-o. Acceito-o. Comprehendo-o. Mas não limito os motivos de minha Arte. Nem tão pouco os instrumentos della".

— "Estás igualmente afastado de Machado e de Euclydes. E' o segredo de tua seducção espiritual".

— "Minha obra é essencialmente brasileira, mas de um brasileiro que inquire avidamente o Universo".

— "Tu te propuzeste todos os problemas da Intelligencia".

— "Vivo a perpetua alegria. Achei a felicidade resolvendo as questões maiores do espirito pelo sentimento. Pelo sentimento esthetico".

— "Por isto é que te amamos, Mestre, serás comnosco na reunião de hoje. Teus amigos buscam-te ainda agora".

— "Onde nos reuniremos?

— "Encontraremos teus e meus amigos naquelle cemiterio".

— "Entre sepulturas E por que?

— "Hoje é 27 de Janeiro".

— "Não me lembrava..."

— "Passaste tão rapidamente pela fatalidade da Morte".

— "Não ha Morte. Por que esta reunião no cemiterio?"

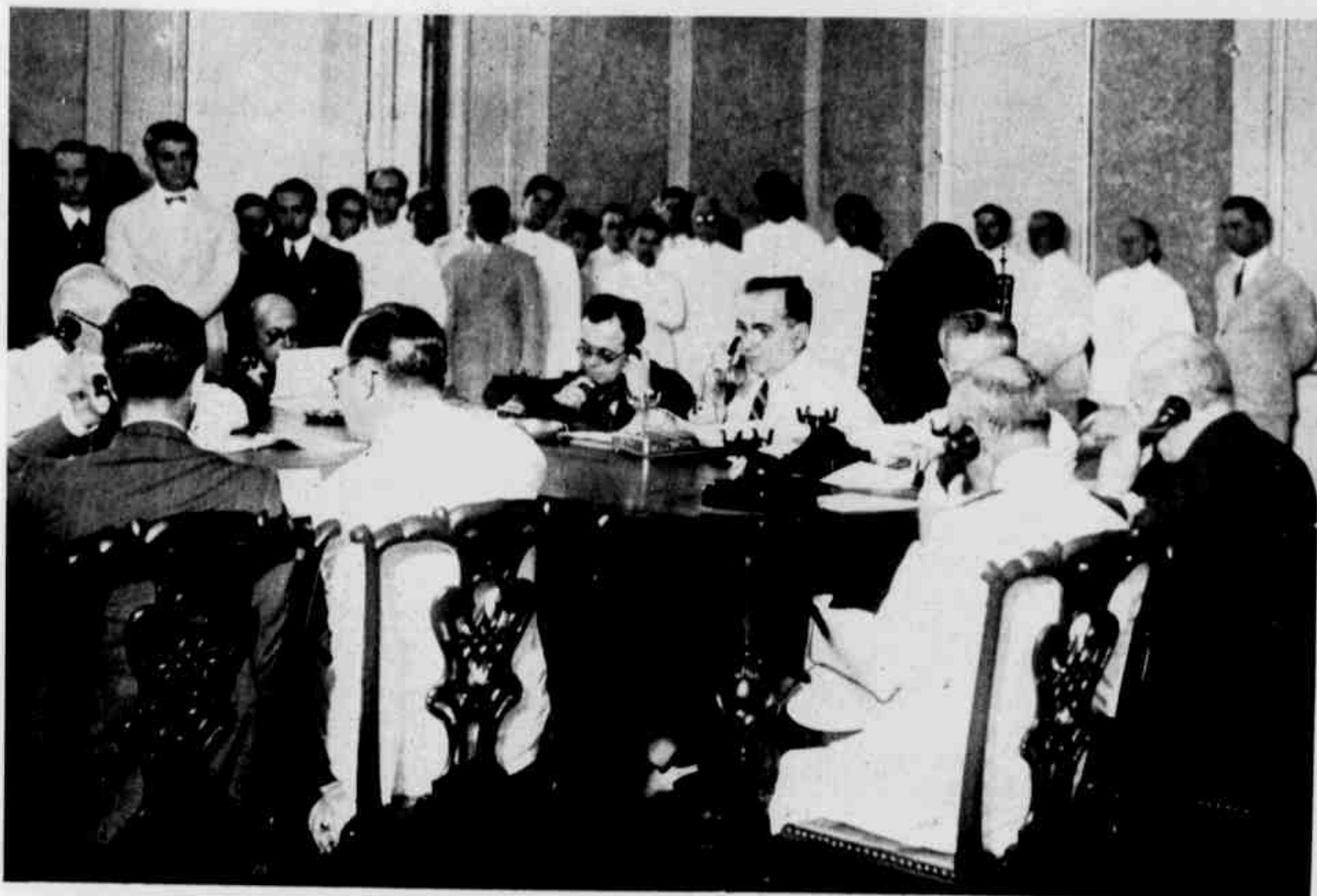
— "Mestre..."

— "Ha tão pouco de mim lá dentro. Os jardins de campo santo são ainda mais inhospitos que os de Academo. Acho as necropoles pretenciosas e inexpressivas. Querem ser o emblema duravel da Tristeza, da Dor e da Saudade. Tres coisas estas, que não merecem monumentos. Ellas aliás têm tido, entre nós, os monumentos que merecem".

— "Falas sabiamente, Mestre admiravel. Contudo, os teus amigos não se propõem á classica romaria da saudade. Sabem como semelhante palavra e o sentimento que exprime te eram profundamente antipathicos. De qualquer fórma, porém, ha um pouco de ti lá dentro e é cultuado como tudo que é teu. Não deverão correr lagrimas. Não representas para nós uma recordação. Muito menos uma saudade".

— "Meu amigo, valha a intenção generosa. Mas ha muito pouco de mim lá dentro. E aquelle cemiterio é tão feio e tão triste como os outros. Espero-vos alegremente aqui fóra".

4.º Centenario de S. Vicente

Na Exposição Feira de Santos, em 22 de Janeiro, quando o Dr. Ricardo Severo offerecia, em nome da Colonia Portugueza um monumento commemorativo ao Brasil.

INAUGURAÇÃO do serviço telephonico entre o Rio de Janeiro, Madrid e Lisboa. O Chefe do Governo Provisorio conversando com o General Carmona no Ministerio das Relações Exteriores.

A CAMA BONITA

ALVARO MOREYRA

Uma vez só, só uma vez elle foi, levado pela mãe que era lavadeira, na casa grande da rua toda de casas grandes.

— Ponha a roupa no quarto da frente.

A mãe subiu a escada. Elle subiu seguro nella. Lá em cima, que deslumbramento! Não tinha visto nunca um quarto assim. Não podia imaginar que havia um quarto assim.

— Que belleza mamãe!

— Não méxe em nada.

— Que é isto?

— E' a cama do menino.

— A cama!

No barracão a cama era uma esteira velha. Não se parecia nem de longe com a cama do menino rico, cheia de rendas, de flores bordadas, coberta de côr de rosa.

Desde aquelle dia, o filho da lavadeira desejou uma cama igual para dormir. Não queria mais nada. Queria uma cama como a cama do menino rico.

Morreu de uma doença que o doutor da Assistencia não soube dizer.

A moça da casa grande mandou fazer o caixão para elle ser enterrado, um caixãosinho coberto de côr de rosa, de flores bordadas, cheio de rendas.

Foi a unica alegria que a vida lhe deu e elle não pôde sentir.

Mas foi-se embóra dormindo, está dormindo ainda, dormindo sempre, numa cama bonita, bonita como a cama do menino rico...

ENTRE OS LIVROS

THEODEMIRO TOSTES — Nesta hora em que as sombras dão as mãos para o "puzzle" da sombra unica deixo de ler "BAZAR" de Theodemiro Tostes... No céo a aranha lua desdobrou a teia onde tremem afflictas pra fugir e onde ás vezes uma ou outra foge luminosa, as asas d'oiro das estrellas mariposas. Na terra, nos campos, nos cerros, na estrada vasia que passa em frente á minha casa, em tudo descansa o silencio que não poude viver no mundo da cidade. Fecho os olhos para enxotar o silencio... Dentro de mim agóra bróta a madrugada cheia. Crescem nos horizontes montanhas de luz... Sempre acontece assim, quando se tóca na colmeia de sonhos de um poeta. Poucos de vocês conhecem esse homem que tem dois olhos feitos de duas gottas de uma noite bem noite... De chapéo em toldo sobre os olhos... Pra fingir que não olha, nem acredita na belleza do céo. Se vocês o conhecessem ficariam gostando sem querer. Delle e de seu "BAZAR". Um bazar de brinquedos só para a vista e o coração. Brinquedos que as mãos, costumadas ao peccado, não têm o direito de mexer nem num desejo de gesto leve... Para não partir ou embaciar o enlevo de alguem que está vendo milagre. Em imagens nos dá as ultimas novidades lindas. Sem repouso. Nem fadiga. Pediu a penna emprestada a Alvaro Moreyra. No estylo, tirando algumas palavras de cara feia, nas idéas, no modo de perceber a vida e as cousas da vida, mettendo dentro os homens tambem, é ainda Alvaro Moreyra. A differença está em que o dono da "Boneca vestida de Arlequim" escreve para Todo Mundo, nas phrases que se lêem claras. Mas, por detraz dellas, se escondem cousas que são percebidas pela intelligencia e imaginação. Nem todos usam os oculos do Alvaro. Ou sua tinta sympathica. O proprietario do "Bazar" o que escreve é o que está escripto mesmo. Chronicas alegres e encantadoras. Travessuras das creanças da gente.

Si, Theodemiro Tostes, soubesse de uma vida engraçada que eu sei! Havia de pôr em chronica uma amoravel tristeza. Mas nunca saberá. Ella vive na minha memoria... E todas as manhãs diante de meus olhos no espelho...

LOBO ALVIM

:: :: ::

Edelwiss Barcellos — REVELAÇÃO (poema) — De Bello Horizonte, nas Edições Pindorama, surge *Revelação*, poema de Edelwiss Barcellos, nome que refulge entre outros nomes destacados das novas letras de Minas. *Revelação* é um romance de amor entre um tenente francez e uma joven nascida na Allemanha e que tem o seu epilogo num hospital, quando elle enfermo, desvendando os olhos, reconhece na enfermeira a propria amada que já malsinava com perjurio. O poema de Edelwiss Barcellos é rico de versos encantadores, repassados de emoção, como vivida na propria dôr e na propria alegria resurrecta. Tem paginas de profundo sentimento e intensa ternura. Além do admiravel poema, traz *Inquietude*, no qual se enfeixam poesias que são outros tantos poemas felizes da poetisa brilhante que é: Edelwiss Barcellos. A poetisa moderna de que se podem orgulhar as letras mineiras.

CARLOS RUBENS

Carlos Dante de Moraes, autor de "Viagens Interiores", livro de ensaios, editado por Schmidt. Paginas de um pensador e de um artista sobre Cruz e Souza, Graça Aranha, Augusto Meyer e sobre aspectos da sensibilidade lyrica em Portugal e no Brasil. Um grande livro que nos vem do Sul e que dá ao Brasil o mais intelligente dos criticos que o Brasil já teve, o que não julga, o que conta as viagens do seu espirito ao longo dos outros espiritos.

NO Centro Carioca quando foi a festa commemorativa do Dia da Fundação do Rio de Janeiro.

ALEGRIAS DO LAR

Madame: — Ernesto, você não acha muito melhor a nossa vida sem criada?
Elle: — E'...

(Desenho de Gutierrez)

DO AMOR

DEFINIÇÃO — Sacrificou-se muita energia intellectual para que se definisse o Amor. Philosophia melosa. Literatura prestidigitadora... Pra que? O Amor nada mais é do que o seguinte: Sentimento-sensação natural, complexo, multiforme, espectaculoso, proveniente da eurhythmia de nossa endocrinologia... "Sobre a nudez forte da verdade", a gente colloca " o manto diaphano da fantasia" — A Poesia. E que se zanguem os santos e platonicos individuos bem merecedores de nomes mais apropriados...

O 1.º Amor — A grandeza e a immortalidade do 1.º Amor são as mais ingenuas creações daquelle que vem de fechar as portas da Infancia, para entrar, boquiaberto, no offuscante labyrintho de outra vida, onde tudo é inédito para a sua inexperiente personalidade em formação. Mais tarde quando elle alcança a plenitude de seu desenvolvimento intellectual e psychico, e fica bem enfronhado de tudo, e bebe, na taça de ouro da experiencia, a agua pura da Sabedoria, reconhece os erros antes commettidos, percebe as teias da illusão em que se perdera, e considera o 1.º Amor como a mais incompleta, a mais tola, a mais estupida de suas fantasias de um tempo passado. 1.º Amor — apenas o A do alphabeto da Vida... Quem estuda o A, tem logo desejo de saber o B, depois o C, depois o D... e assim por diante... Quando a gente está no V, já se passou pelas vogaes e pela immensa maioria das consoantes. Formam-se phrases e versos, e contos e poemas... Vae-se ao X, e o fingimento não tem mais incognita. Sabe-se tudo: As suas proprias predilecções, os fingimentos pro e contra da Mulher, as desditas, anseios e erros femininos; a interpretação verdadeira de um sorriso, de um olhar, de um gesto minimo... e a gente, desassombradamente, charuto á bocca, passeia pela alma do sexo fragil com a tranquillidade de quem faz o fúting depois de um bom jantar. Somos uma personalidade definida que sabe bem definir... X — firmata na melodia da existencia, onde gosamos os mais harmoniosos córos orchestração Universal!... Residencia da Alegria absoluta, apotheose de todos os nossos sonhos... X — poste de parada, por onde passa, de subito, voluntariamente, sem ser convidado, o bonde da decadencia e da velhice. Nós o tomamos... muito a contra-gosto. Detem-se um momento na estação Y, já ao crepusculo... O passageiro vae recordando a estrada percorrida, a soletrar, mui tremulo, o alphabeto da Vida... — "A... Foi loira, clara e pequena. Era um canto de cysne no lago azul de meu ideal. Tão meiga e tão pura que parecia uma santa. Amava-me com os olhos presos ao céo estrellado de nossas illusões... Passou... B... Foi morena, côr de azeitona, robusta e altaneira. Prendeu-me o coração no magnetismo de seus olhos negros, por onde eu percebia todo o seu temperamento ardente de brasileira nervosa. Cada beijo convidava a outro beijo... cada abraço era differente daquelle que o precedera. Amou-me como nunca... e passou tambem... "E assim foi elle revivendo a estrada comprida de um tempo morto, que chegou ao Z... "Foi morena e dona de olhos verdes, profundamente verdes. Dentro delles, eu via a crystalização de todos os meus desejos. No perfume de sua bocca e no calor de seus beijos morava o segredo magico da mocidade. Sua voz dolente, preguiçosa, musical, cadenciada... era um convite tentador para a festa pagã dos abraços... Amante como nenhuma outra, foi a mais bella e a mais mulher, foi a melhor de todas... talvez porque a ultima..."

...E o bonde fatidico segue veloz o seu caminho...

— Acorda, passageiro!... Estamos no fim da linha!... Acorda!...

...O passageiro, porém, já dorme o somno eterno...

JOB FREIRE

CARTA DA AFRICA

— Nem imaginas, minha querida mulher, a falta que tu me fazes. Que vida monotona! Ainda não me aconteceu nada que valha a pena contar...

LEMBRANÇAS

A nossa officina era um fosso enfumaçado que dava para um grande pateo interior, cercado de velhas construcções de muitos andares. A maior parte do nosso tempo, e quanto á minha pessoa isso durou annos, se passava nesse logar sem ar e sem luz, de onde, por uma especie de veneziana immunda á altura do solo, viam-se os pés e a parte inferior das pernas dos que passavam no pateo, que eram operarios de outras fabricas.

O "nosso canto", era um espaço de uns quinze metros de extenção, na officina onde, além da industria, se faziam camas. Havia por isso, diante de nós, separada do espaço que occupavamos por velhas arcas que nos serviam de armarios ou de cofres, uma installação de seralheria para a confecção dessas camas: uma furadeira, uma grande machina de recortar para preparar as cabeçeiras e as travessas, uma machina para fazer as grades, com um extendedor de rodas para os enxergões; e mais uma forja cuidada por D..., cuja aventura é o objecto desta minha narrativa.

Nosso canto estava atravancado de rodas, de dobadoiras para os fios, dos quaes centenas de tubos de differentes numeros se apinhavam diante das machinas.

As camas que os meus camaradas fabricavam eram destinadas ás administraçoes da Assistencia Publica, aos hospitaes: pintavam-nas em verde pallido ou em marron. Faziam-nas tambem, e era uma especialidade da fabrica, para os senhores guardas republicanos; por uma delicada homenagem essas camas eram pintadas com verniz dourado, sem duvida para marcar a superioridade dos futuros occupantes sobre os dormidores communs.

Naquella manhã, depois que Désiré, o contramestre, olhou as horas no seu relogio — saboreando até o ultimo minuto do tempo que era delle, mas, querendo ser equitativo com o patrão, esperava que o ponteiro grande estivesse bem em cima da hora — entramos, como de costume, em fila, passando diante da forja. Eu era sempre um dos ultimos a transpor a porta, pois sentia, ao se approximar a privação da minha liberdade pessoal, a oppressão dos muros da nossa prisão, como se os andares superiores da casa me tombassem sobre o coração com todo o seu peso.

Naquella manhã, eu não prestava a minima attenção ás brincadeiras dos companheiros, dos jovens cujas blagues, sempre iguaes, continuavam até na officina. Começava a vestir a minha roupa de trabalho, um grosseiro avental de cordas que punha em cima do meu macacão azul. Tirava a camisa e os sapatos por economia. Désiré abria com ar importante o armario, unico movel da officina. Só elle tinha a chave e todos os dias guardava lá a garrafa de vinho, o pão e o casaco, com as notas de encommendas das quaes o nome do freguez era segredo, e as ferramentas finas que nos poderiam tentar.

Era a hora em que D..., o ferreiro, accendia a sua forja. Provocava com gravetos seccos o despertar das chammas; no começo, pequenas, que luziam no claro-escuro como fogos-fatuos correndo sobre as brasas; depois, sob a acção dos folles, não tardavam em se tornar semelhantes a grandes flores, ás petalas de enormes crysanthemos vermelhos e amarellos, que gyravam e se alongavam, manchando de luz as paredes enegrecidas, as vigas do tecto alto e as meadas de fio de ferro, pendurados debaixo da escada tosca, que levava ao sotão onde Malvina, a polidora, nossa camarada, rodava o seu tonel na fumaça.

Entretanto, naquella manhã, D..., não se apressava em ascender o fogo. Já o arameiro nos ensurdecia com a nota aguda, que dominava o ruido das dobadoiras e das outras machinas; esse arameiro accionado por uma manivella de mão era um eixo duplo em torno do qual se enrolava o fio e se fazia a torsão da malha; o operario dispendia grande força muscular nesse trabalho esgotante, que o mais simples motor mechnico realizaria facilmente; mas tudo era primitivo o summario na nossa officina.

Dois operarios de busto nú, faziam com grande esforço de rins e de braços estendidos, is e vir o balancim do recortador.

Assim começava o monotono dia de trabalho.

Os dias eram sempre iguaes, cortados pelo almoço e pelo repouso ás quatro horas, que Désiré annunciava com uma martellada na bigorna. A's vezes, entretanto, a chegada de ferros ou a partida de camas recem-fabricadas tirava-nos do nosso buraco e iamos todos descarregar ou carregar os caminhões no pateo.

Fóra essas occasiões, só D... tinha o previlegio de sahir, porque, diziam, o calor da forja lhe conferia essa tolerancia durante o verão; mas a verdade é que se tratava sempre de um convite para uma "pinga" que nunca o contra mestre deixava de lhe fazer. A sahida do contra mestre era saudada por um barulho formidavel que só cessava quando um signal convencional avisava que elle estava de volta.

D... terminou ascendendo, mais ou menos, a forja; elle não tinha o seu ar habitual; parecia embaraçado com uma coisa que placidamente fazia todos os dias. Puzéra o largo cinto de fivella de nickel e o avental de couro, e, com os braços nus sahindo da chanfradura de flanella, avivava o fogo com o folles, continuando em voz alta um dialogo que começára com elle mesmo e ao qual antes ninguem déra attenção, cada um occupado em pôr em andamento a sua propria tarefa.

Mas quando a vida quotidiana entrou em marcha, pudemos observar o nosso camarada.

Elle ia e vinha machinalmente, procurando os ferros. De repente apanhou um páo, levou-o cuidadosamente ao fogo como uma barra de ferro que fosse fundir.

Continuou o manejo, ajuntou outros páos, querendo forjal-os.

POR LUCIEN BOURGEOIS

Todos os companheiros, meio illuminados pelas chammas da forja, se voltaram para elle, reflectindo nos rostos a estupefacção em que nos mergulhava a sua brincadeira. Parámos de trabalhar de tal fórma era bizarra a sua attitude. Só, a pollidora, perdida na obscuridade, continuava a rodar o seu tonel junto da pequena lampada, sem ver o que se passava.

Désiré que observava D..., por cima dos oculos, deixou o seu logar junto do torno, e foi interpellal-o. Os dois homens discutiram. D..., evidentemente embriagado ou louco, sustentava que sabia o que fazia e que o deixassem em paz... Terminou, com effeito, por trabalhar com bastante calma.

A manhã correu sem outro incidente e acreditamos que tudo acabára.

A's onze horas, com um collega, nós nos entretinhamos, como de um acontecimento importante da nossa passivel existencia, almoçando perto do canal, assentados numa peça da carcassa alcatroada de um barco inutilizado; tiramos do sacco a marmita e a garrafa de café: em frente, as pobres e velhas fachadas das casas, anemicas e argilosas como os nossos rostos, illuminadas de quando em vez por uma onda de sol pallido, nos olhavam com os innumeros olhos das janellas; um grupo de vagabundos puxava um barco preto, da agua que corria lenta e amarella, semelhante a um lôdo movel e nauseabundo; do céo amplo, cheio de grandes chicotadas de nuvens, o vento peneirava sobre nós uma chuva fina, fria e intermitente.

A crise verdadeira apossou-se de D..., depois do jantar.

Ao meio-dia, um pouco antes de recomeçarmos o trabalho, elle chamou de novo a nossa attenção com uma palestra abracadabrante. O rosto vulgar de sêr resignado, com os bigodes tombantes, os rudes traços endurecidos pela fadiga, pelo trabalho, pelo excesso de bebida e pelas infelicidades domesticas, estava extranhamente exitado. Narrava uma discussão com o filho, sem duvida por causa de qualquer injuria desse; isso transtornára-lhe a cabeça, que já não era muito solida desde que vivia separado da mulher e bebia a sua duzia de "bleues" por dia. E' preciso não pensar que os simples não têm sentimentos. Notámos que os seus olhos gelatinosos, habilmente cobertos por um vapor de alcool, viam, naquelle momento, coisas que os nossos não viam. "Está louco!" diziam todos.

Ninguem pensou em enterditar-lhe a officina; tacitamente resolvemos que elle ficaria até o fim. Isso acontece sempre que um camarada adoece subitamente, e Désiré tambem era incapaz de privar quem quer que fosse de algumas horas de salario; quanto mais que elle nada fizera. Nesses momentos, temos todos um gesto de solidariedade contra o patrão.

No emtanto, observamos D..., para a segurança commum.

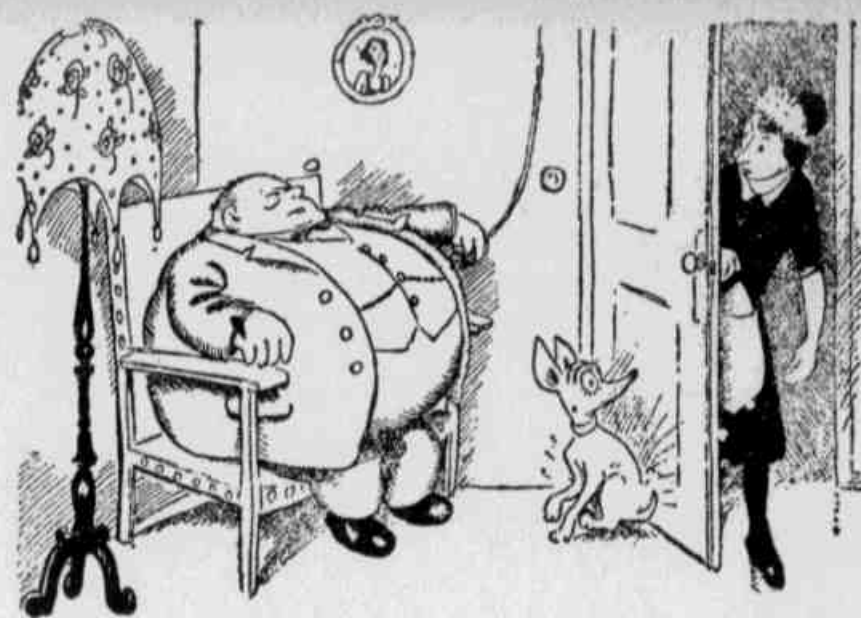
Elle recomeçára o trabalho normalmente, quando a desgraça quiz que elle tivesse sêde. Interpellou Désiré que, taciturno, não disséra uma palavra depois da volta á officina. Désiré recusou deixal-o sahir. A discussão da manhã reviveu, e com ella se esquentou a imaginação do louco, de tal sorte, que absolutamente fóra de si, poz-se a brandir uma barra de ferro em braza tirada da forja (uma dessas longas barras chamadas "longo panno") contra um inimigo imaginario

Foi um salve-se quem puder geral.

Vendo que não o podiamos calmar nem subjugar por causa da barra, nós nos refugiamos atraz das machinas e das rodas.

Désiré, tomado de panico, correu para o escriptorio em busca de auxilio.

Duas cabeças appareceram prudentemente numa pequena porta entreaberta. Era o guarda-livros e Désiré. Mauricio, o guarda-livros, queria ficar ao par dos acontecimentos para os referir ao patrão.

Mauricio não era fanfarrão, embora tomasse um ar superior quando falava comnosco. Eu já notára mesmo que elle affectava, conversando, por temor de nos offender um tom vulgar para mostrar, sem duvida, que estava "no movimento." Os meus camaradas eram-lhe muito reconhecidos por esse gesto que interpretavam de condescendencia por todos. Apreciavam-lhe a franqueza, as graças, que tomavam por espirito, como tovavam por distincção a sua maneira de se pentear, de levantar a cabeça e usar o collarinho e um casaco velho.

Um dia embaciado succedêra na officina á meia-ozscuridade da manhã. O nosso canto de trabalho com o louco ao centro brandindo selvagemente a sua barra, tinha um aspecto fantastico. Nós podiamos acompanhar, á vontade, os gestos do demente e, Malvina, aterrorizada, olhava-o tambem, debruçando-se na balaustrada do sotão.

Temiamos que, de repente, viesse á cabeça do louco subir ao sotão e estavamos promptos para soccorrer a nossa camarada. Gostavamos muito daquella mulher corajosa e quasi sempre silenciosa. Coisa rara, e que por meu lado, nunca encontrei noutras officinas onde se misturam operarios dos dois sexos, nenhum se lembrava de dirigir-lhe phrases amorosas.

Entretanto o drama não podia durar muito tempo. Mauricio, diante da nossa irresolução de dominar o louco, foi procurar o patrão.

Assim que elle partiu, D..., como por encantamento, parou a sua terrivel mimica, e se curvou sobre a bigorna. O patrão era um homem de meia altura, cabellos brancos, bigodes pintados. Affectava na nossa presença o tom de commando de um official, e era tal a ascendencia moral desse homem sobre os pobres diabos que eramos, que a sua simples apparição fazia, por medo, tudo entrar em ordem.

Seguido de dois operarios como guardas costas, conseguiu pessuadir o infeliz desiquilibrado que, docilmente, se deixou levar para um carro que o esperava fóra.

Cinco minutos depois da partida do louco, sob o olhar patronal, o trabalho entrára de novo em franca acção. Désiré, o contra-mestre, páo para toda obra, suava na forja; a aguda canção da machina de tecer arame nos ensurdecia, dominando o ruido aspero das limas, os golpes surdos do recortador e os

(Termina no fim do numero).

A BARRIGA MAPPA-MUNDI

— O Senhor chamou?

— Sim. Você faz-me o favor de dizer se eu estou de botinas ou de chinellos.

O Sertão e o Mar

QUE idéa faz do mar o sertanejo que nunca o viu? Em minha terra, que pertence a uma zona tórrida, a idéa de um estuario immenso e inesgotavel, como o oceano, não entra em certas imaginações. Não, não é possivel — insistirão por lá, ainda, algumas ignorancias tenazes — que haja esse despotismo dagua sem prestimo, no mundo. Explica-se. No espirito do sertanejo, que nasce naquellas terras, onde os rios só fluem com o favor das chuvas, a agua está associada á idéa das coisas ephemeras e fugidias. Quando os rios ou os tanques transbordam e a agua espumeja, espraiando-se no campo, a alegria que, então, sorri nos olhos ávidos do homem trabalhado pela rispidez dos verões extenuantes, não é a mesma daquelle que contempla o mar. A impressão deste é de mobillidade eterna, ao passo que as aguas, tombadas do céo, sobre o sertão, ou correm doidas para o mar, pelos caminhos ondeantes dos rios, ou, si páram, contendo-se numa lagôa ou num tanque, é para acabar, mais dias menos dias, absorvidas pela terra estorricada.

Um dia, certa creança de minha povoação, ouvindo o pae discorrer, com enthusiasmo, sobre a imponente vastidão do mar, cortou-lhe, entre assombrado e timido, a narrativa, interrogando: — Mas, papae, o mar não secca?

*

Se a alguns parece inverosimel tamanha abundancia de agua, a outros o mar suggere um monstro, um monstro indefinivel. Que é todo de agua, sabem-no. Mas, o que subsiste a todas as conjecturas é a desconfiança de que, por debaixo da agua inquieta do mar, uma força trabalha, surda e ignorada, a desgraça das creaturas. Antes de o ver, o sertanejo só conhece o mar ou através de narrações tendenciosamente aterradoras ou pela carranca, não menos pavorosa, que lhe pintam os jornaes. Lembre-se que raramente estes se occupam do mar que não seja para lhe ennumerar victimas da furia tempestuosa, em seus dias de colera e ferocidade. E o homem que aprende de oitiva essa tradição do mar esfuriado e violento, e nunca o viu, foge-lhe ás leguas. Por isso, e por mais, o mar atravez da gente sertaneja, é a brutalidade, é o terror, é a morte, disfarçados num "mundão" de agua.

Sei de um sertanejo, de indole rispida, que se enfurecia, quando chamado pelo appelido, que lhe applicaram, de "Oceano"...

*

Lembro-me que a primeira visão que tive, em creança, do mar, foi atravez de um livro de gravuras onde se reproduzia varios aspectos da viagem de Colombo. Era um pedaço de mar, empolado e crespo, muito azul, em meio do qual avançava de velas pandas a náu ousada do descobridor. A imagem desse mar nunca mais se me apagou dos olhos. Desconfio que vem dahi a minha inclinação paaa a literatura marinha, realista. O mar bonitinho, empodarosado, de certos beletristas, não me seduz...

*

A voz do mar, quem ma revelou foi uma concha. Tinham-na, os de casa, numa sala fechada, sobre o tapete. Era sempre com uma doce e timida alegria que eu a encostava ao ouvido para escutar aquelle ruido, cavo e surdo, que me afiançavam ser a resonancia da musica barbara do mar. Mas, porque — conjecturei, muitas vezes, — os búzios, que lhe assemelhavam tanto, não resoavam do mesmo modo reproduzindo os rumores da selva? Inutilmente, levava ás oiças, uma a uma, essas pequeninas conchas, polidas e brancas, do

NA PRAIA

Ella, acariciando a caréca delle: — Se eu fosse Dalila, como era que eu ia me arranjar!?...

(Desenho de Krommer).

sertão: nem uma dellas guardava a mais leve resonancia da terra.

Talvez porque nella eu visse um dos segredos do mar, que me diziam insondavel em seus mysterios, a concha causava-me temor... Um temor misturado de encantamento, porque, aos meus olhos de menino, ella era uma das mais inexplicaveis sutilidades da creação. Pois bem; até os nove annos, o mar, como pude conhecel-o, a trinta leguas de suas ultimas divisas, estava todo numa pintura, que não media mais de um palmo. E porque era assim pequenino, sempre me pareceu que o resôo da concha lhe bastava. Então? Uma pintura e uma concha — nada mais — e o mar se desenrolava, cheio de vida e de movimento, diante dos meus olhos aturdidos de menino...

Foi aos nove annos que fiz a primeira travessia de mar. O vapor sahira á meia noite do Paraguassú. Chispeantes na treva, pequeninas luzes, projetadas de bordo, accendiam faiscações coloridas no dorso negro do rio. Não tinhamos ainda viajado uma hora e o somno veiu selar-me as palpebras. Só algumas horas depois, dei cór de mim, a uma sacudidéla. O vaporsinho ladeava Itaparica. O espetaculo do mar, ao amanhecer, visto, pela primeira vez, por uma creança que só o conhecia atravez de uma gravura e de uma concha, quem ousára descrevel-o? Em alternativas de pavor e de deslumbramento, batia-me, apressado e forte, o coração, jamais, até ahi, sacudido por uma emoção tamanha!

Mas, ha sempre um "homem fatal" ao pé de um menino deslumbrado.

Um caixeiro-viajante, que me seguia o desassosego, á vista do mar, travou-me do braço e apontando com o dedo a renda de espuma que a helice do vapor ia deixando sobre as aguas, disse-me com certa gravidade:

— Eis ahi as espumas flutuantes de que fala o poeta Castro Alves...

EUGENIO GOMES

Na Cidade

Martim Luz

Depois de Pierrot, não veio mais ninguem.

As lampadas tremeram nos postes tuberculosos. Houve um grande silencio que poz em relevo o carnaval muito distante.

Pierrot veio á tôa.

Antes delle, viera a multidão sem nome e sem importancia. Buscar o infinito mysterio. A grande poesia. O sabor peccaminoso do carnaval.

Pierrot veio á tôa.

Porque era esse o seu destino.

Não havia o bandolim nem a lenda. Nem tambem o balcão cheio de flores.

Mas um grande luar.

E elle lembrou-se, então, que era Pierrot.

Pierrot...

Na sombra, embuçado na sombra, disfarçado na sombra, elle viu.

Os outros todos sahiram. Cantando. Rindo. Sambando. Gritando.

Depois, o silencio tomou conta da paizagem bonita. Envolveu as arvores do jardim. Bateu na janella onde havia uma luz azul-pallida.

A luz desappareceu.

Então, a mulher que não era Colombina, desceu subtilmente a escada.

Clara. Maravilhosa. Linda!

Um auto acariciou as alamedas, um braço masculino (de Arlequim?...) enlaçou a cintura fragilima, e ella desappareceu na portinhola que se fechou.

O carro rodou, para onde?

Pierrot ficou mais cheio de sombra.

Poz os olhos na noite cheia de estrellas. Só. Infeliz. Pierrot.

Pensou, então, na sua vida assim mesmo. Na sua pobre vida!

Teve vergonha de ser desgraçado.

Teve vergonha do seu destino de Pierrot.

Mas tambem pensou na infinita doçura de lembrar qualquer coisa que já passou.

De ter a sua lenda sem ventura.

E deixou no mysterio das sombras que se esparramavam nas ruas sem ruidos, a unica tragedia do carnaval que ria muito longe...

✣ ✣ ✣

A historia melancholica de Pierrot...

Talvez ninguem saiba della.

Nem pense nella. Pierrot, hoje, é uma fantasia alegre. Que grita. Que se mistura com as bahianas no samba. Que confraternisou com Arlequim.

O carnaval do Rio é um carnaval sem lendas dolorosas.

O que quer é gosar.

Todos já sabemos que este anno o Interventor do Districto Federal resolveu ser o grande benemerito da nossa festa querida. Incluindo os festejos carnavalescos no programma de turismo para o Brasil, o illustre Dr. Pedro Ernesto, com a collaboração do Touring Club do Brasil, organizou um longo e brilhante programma official, que se vem cumprindo com um brilho excepcional.

E' de justiça que se saliente aqui a acção valiosissima do Touring Club do Brasil, a quem, de facto, couberam os trabalhos de organização e controle dos festejos officiaes do carnaval.

Ninguem esqueceu o exito do banho de mar á fantasia em Copacabana, do dia dos Blocos, das batalhas da Avenida, do côrso da Avenida Atlantica, do concurso de cartazes para o **bal-masqué** do Theatro Municipal, do concurso de choro e sambas, do baile dos Artistas no Phenix, etc.

Hoje, certamente, a alta sociedade carioca irá ao réveillon do Copacabana Palace.

Mas a coisa verdadeiramente sensacional do carnaval de 1932 é o grande **bal-masqué** de 2.ª feira, no Theatro Municipal, nos moldes da Opera de Paris, nota inédita na historia do nosso carnaval.

Só esse grande acontecimento, que tem despertado o maior enthusiasmo, bastaria para collocar o carnaval deste anno como o melhor de todos os carnavaes que temos assistido.

A Commissão Executiva para os festejos carnavalescos de 1932 é a seguinte: Drs. Julio Santiago, representante da Prefeitura, Octavio Guinle, presidente do Touring Club, Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Cerqueira Lima, Edgard Chagas Doria, Juvenal Murtinho Nobre, Annibal Bomfim e Berilo Neves.

✣ ✣ ✣

O carnaval carioca já era o melhor do mundo.

Agora...

Nossa Senhora, nem vae ser deste mundo!...

Dr. Octavio Guinle, Presidente do Touring Club do Brasil.

Sociedade Carioca

Senhorita Alba Newton Bezerra que acaba de contractar casamento com o Senhor Jorge da Silva Pessoa.

Em baixo: enlaces Juracy Gomes Madruga — 1.° Tenente José Caetano Lemos, e Maria de Lourdes Sampaio — Azuil Gomes Madruga.

DESTINO

Luis Martins

O seu destino começou longe.

Ainda acima das coisas impossiveis.

A necessidade de viver exilou-o na Terra incomprehendida, onde conheceu pessoalmente uma humanidade ridicula, inutil e cheia de todas as dôres e todos os odios.

Não se deu bem. Atmosphera differente. Ar demais. Muita poeira.

Principalmente muita poeira.

Sentiu nostalgias indefiniveis.

Os olhos emigravam das olheiras para a peregrinação das estrellas.

Era dellas que tinha saudade, dizia.

Então, fez versos. A vingança inutil!...

"Eu não sou o que passa vulgarmente, pela vaidade ephemera de passar..."

Mas passou.

Como os outros. Como todos.

E' possivel que esteja hoje em algum logar, além do cemiterio: elle era espirita.

E de onde está, talvez a terra seja uma estrella.

E continúe tendo saudade das estrellas...

(O destino é um caso sério).

CARNAVAL

Da Costa e Silva

Ambiente allucinado de luz, musica e perfume
o ether germina sensações de alegria e volupia
Chove confetti
granizo em pedrarias multicores
redemoinho de cantharidas cambiantes
discos arremessados de serpentinas sibilam
silvam serpentes nas espiraes revoltas
do Iris mutiplicado
enleiando a multidão
alliança da Loucura!

Cantam clarins de claridade no ar
Carnaval! Carnaval!

rythmos em tempestade
trepida e cheira a atmosphera
o demonio dramatico do Delirio anda solto
Mephistopheles aguça o instincto de liberdade
e pierrots e arlequins, principes e palhaços
Colombinas e gitanas bayaderas e manolas
la vêm lá vão
no vortice violento
illusão de Ventura!

A vida é uma gyrandola na alvorada
no retinir dos guizos de vidro da Folia
evohé! evohé!

eia!
á festa febril e fugaz dos sentidos
a torrente da Vida transbordando em tres dias
as horas são ondas que se perdem na dansa
a valsa abre sonhando o alvo leque de plumas
o tango lento e languido é um idyllio na sombra
o charlston — jogral do jazz- estaca os calcanhares
o maxixe move macio mordendo a marreta dos musculos
e tudo dansa
tudo dansa
tudo dansa.

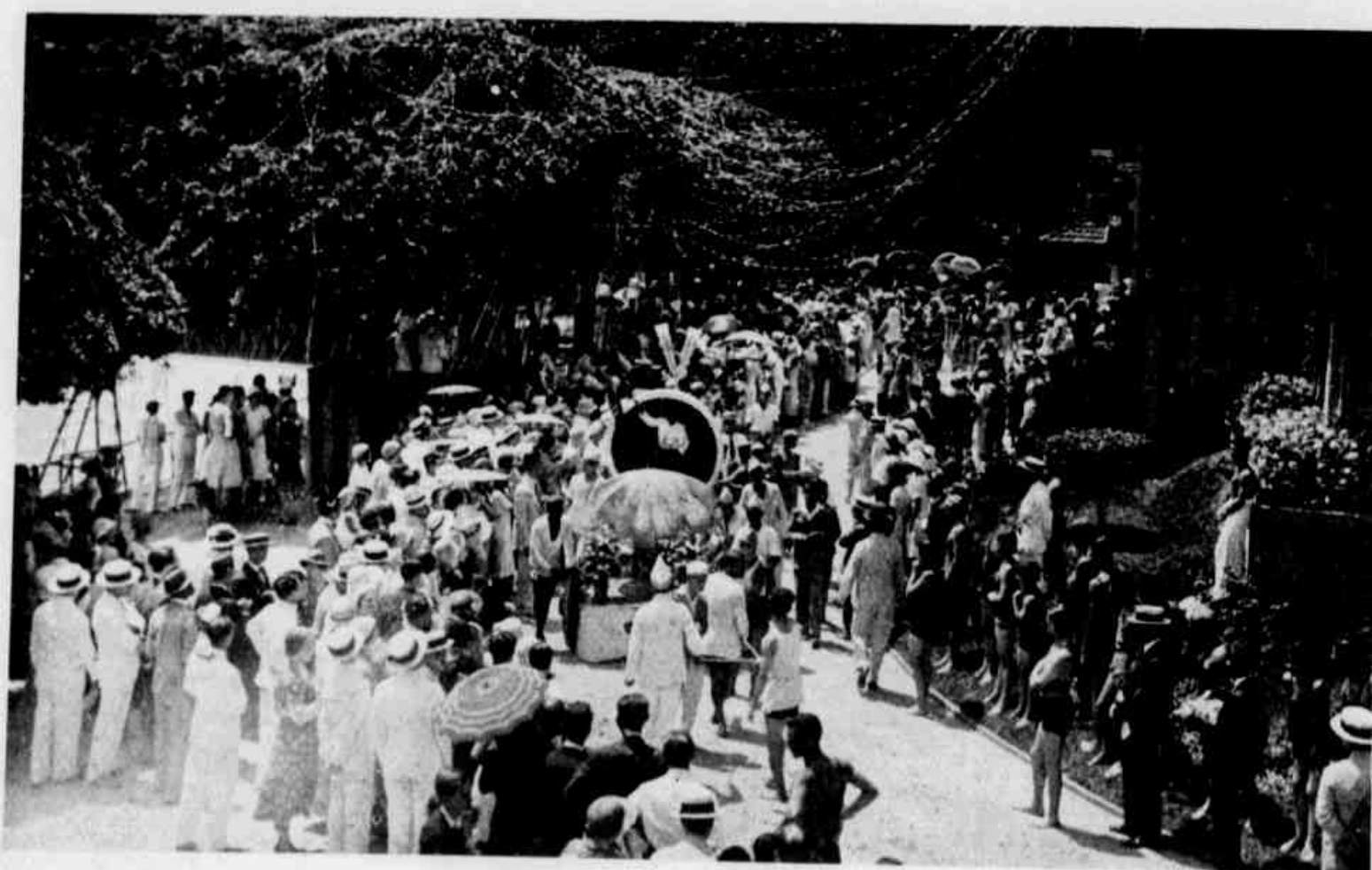
Syncope do Goso!
A pelle de asno dos Zabumbas
Zôa zinindo zonza
Momo!

Baile infantil no Tijuca Tennis Club

CARN

Banho no Flamengo

Baile no Club de R

No Club Central, Nictheroy

No Club de Reg

No Fluminense Football Club

No Prai

[..]NAVAL

[..] de Regatas do Flamengo

Banho no Flamengo

[..]e Regatas Botafogo

No Club Central, Nictheroy

Praia Club

Banho na Praia das Fléxas, Nictheroy

Carnaval

Dante Costa

A grande confusão.

A mistura total de todas as loucuras que tomam conta dos nervos, do cerebro, de todo o corpo da gente.

Não ha mais mundo nenhum pra fóra do Carnaval.

Cada um põe a mascara que dormiu o anno inteiro no seu sub-consciente. O carnaval é a satisfação das vontades impossiveis, dos desejos inconfessaveis, de todas as prohibições desejadas. E' a grande opportunidade. Os timidos saem com a farda, o andar e a coragem dos marinheiros musculosos como elles queriam ser, valentes como elles queriam ser. Os ingenuos vêm com a cabeça da raposa, olhando maliciosamente pras outras gentes que permaneceram ingenuas... A mascara dos negros, retinta, retinta, cobre a cara dos brancos turistas vagabundos. As mulheres se fantasiaram de homem. As mulheres de contornos exaggerados e proprios saltam das calças masculinas que denunciam a falsificação. Mas ainda nellas um desejo malicioso de descobrir coisas, de penetrar minucias. O mesmo desejo malicioso que invadiu e dominou os homens que se vestiram de mulher, pra passarem tres dias fóra do sexo...

Eita, Carnaval!

Vontade louca de ser chamado de immoral por todas as mulheres da terra...

Vontade louca de ser um na multidão, na multidão immensa e suada que se aperta. Que se torce. Que ginga, balança, vira e revira.

Um na multidão!

E as bahianas negras, salientes, rebolando as ancas e incendiando o sensualismo dos outros que rebolam tambem.

E as meninas sérias que se esqueceram disso...

E os homens frageis e sinuosos.

Anda nos ouvidos o batuque apressado dos sambas. O repinicado agil dos maxixes. Não ha dansas lentas nem lentidões de especie nenhuma, porque tudo gira no rythmo syncopado da musica dos instinctos sôltos.

E' a pagodeira.

E' o fuzuê.

Nem tentem civilizar o carnaval! Seria impiedade. A civilização já venceu o homem, já o limitou demais. O homem precisa desses tres dias violentos de liberdade integral...

Sob a chuva dos confetti a sociedade se eguala e isso não póde deixar de enternecer a gente. Cada creatura sente a gostosa embriaguez das sensações novas. E' preciso se ser differente. A felicidade está ahi. Os caixeirinhos vão dansar com as filhas dos ministros. Porque o Carnaval mandou. Os humildes subiram mais alto que aquella serpentina. Só não é príncipe quem não quer. Só não é o rajah mais rico do mundo quem não quer. E se não servir o rajah tem o traje do jockey, do Luiz qualquer numero, do poeta sonetista, do burro sabio, do rei assyrio, do cozinheiro flamengo, do sem-trabalho, do forçado, conforme as tendencias e a maior ou menor ambição...

Eita, Carnaval!

Eita, Brasil!...

No Rio Cricket Club

"A Rainha Victoria e o Principe Alberto"

"Um casal de cyclistas de 1890"

Em memoria de Monsieur Pierrot

Olympio Corrêa

Com a morte do Romantismo,
surda aos teus ais,
a vida moderna, de dynamismo
não te quiz mais.

Colombina, hoje, e com mais juizo,
ao teu amargurado bandolim
prefere ouvir a gargalhada de guizo
de Arlequim.

Empoado Pierrot de olheiras roxas,
lyrismo doentio de Villette
não mais despertam tuas juras frouxas
piedade ou fé!

Como o coração te desmoralizou!
Perdeste a compostura e esqueceste até
as phrases gentis que Marivaux
te ensinára no parque de Le Notre...

Ficaste um polichinello mascarado,
um ridiculo Pierrot de pantomima
com esse ar dolorido e aparvalhado
dos intoxicados de morphina!

Pobre de ti! Mas bemdicta sina
que te anesthesiou, eternamente, a dôr
de errar pela vida sem o beijo e o amor
de Colombina!...

ESTHETICA AFRO-BRASILEIRA

A estylisação dramatica da Macumba

JOAQUIM RIBEIRO

Um povo só se liberta espiritualmente, quando, esquecendo todos os outros póvos, imita a si mesmo. Portanto, esse anseio de libertação, que fascina o Brasil inteiro só será conseguido no dia em que a nossa arte, deixando de ser forjada no exotismo de paizes longinquos, fôr plasmada na argamassa de nossas qualidades, boas ou defeituosas e de nossas idéas, profundas ou superficiaes.

A nossa esthetica é a esthetica que reside nas manifestações artisticas dos elementos raciaes, que se conjugaram e ainda se conjugam em nossa formação ethnica.

Só descobril-a-emos espelhando-nos na mestiçagem espiritual que nitidamente nos caracteriza. Na verdade, acima do mestiço **hereditario** está o mestiço psychico, que faz dos proprios brancos de sangue não contaminado por ascendentes de côr, mestiços de idéa e de emoções crioulas.

Nós, brasileiros, somos fatalmente mestiços de uma ou de outra especie. Por consequencia a nossa arte é, sobretudo, uma arte mestiça, e, revela-se nos motivos ethnicos, que pincelam de côres vivas, de sons plangentes e de gestos mysticos as manifestações mais expressivas da collectividade, sejam usanças pinturescas, sejam canticos de amor ou cerimonias rituaes.

A arte é tambem religião porque concentra e exprime todas as attitudes collectivas, e a religião é uma dellas.

O nosso "folk-lore", syncretico, mas bem caracterizado já, offerece um turbilhão de bellezas desconhecidas, que o estheta — o eterno criador — atravez de sua criação ha de serenamente estylisar.

Entre nós quasi nenhum dos nossos artistas tem feito essa busca ao veio nativo, que os elementos raciaes de nosso povo insinuam. As excepções são poucas e se restringem, de regra, ao dominio da literatura e da pintura.

Sòmente este mez, aqui no Brasil, sem alarde, assistimos pela primeira vez a estylisação dramatica da "Macumba". Devemol-a á magia brasileira e sempre inedita da arte inconfundivel de Eugenia Alvaro Moreyra e ao conhecimento e á "mise-en-scène" profundamente realista de Simões da Silva.

O espectaculo foi uma resurreição impressionantes de um "candomblê", com todos os apparatos rituaes.

Simões da Silva, querendo colorir a scena de accordo com os ambientes desse culto feiticista, não vacillou e foi buscar nos morros negros macumbeiros. Aqui, no Rio, os morros são quasi sempre parnasos de taes tradições: a Favella, o da Mangueira, o Salgueiro...

O scenario tomou, na verdade, uma nitidez devéras demoniaca.

A interpretação principal coube a Eugenia Alvaro Moreyra, que com o rosto pincelado de negro, em attitudes hieraticas, fez de "mãe do terreiro" e soube dar um realce admiravel aos canticos liturgicos, que entoou.

O cantico a Ogun, acompanhado por tabaques e cuica, num rythmo cadenciado, foi talvez, a melhor interpretação de Eugenia Alvaro Moreyra.

Essa estylisação dramatica da "Macumba" veio confirmar que temos uma arte nossa, bem nossa parecida com as nossas proprias feições ethnicas.

A Macumba nos deu a impressão de um genero literario completamente inedito. A musica, o côro dos macumbeiros, a propria scena, que ora é dansa, ora dramatização, tudo enfim constata, com indiscutivel evidencia, a arte brasileira, arte pura e original.

Foi a mais lidima revelação da esthetica afro-brasileira, ritual, hieratica, liturgica, expressiva e bem crioula.

Certamente essa representação será repetida. Não ha duvida. Ha de ser. O proprio assumpto tem variantes curiosas, que pódem ser representadas tambem.

A macumba bahiana, que é, sem duvida, a mais caracteristica poderia ser fixada na scena dramatica com grande effeito pictorico. O erudito Manuel Querino no seu esplendido ensaio intitulado **"A raça africana e seus costumes na Bahia"** dá preciosos informes ethnographicos sobre o assumpto.

No norte do paiz, ao influxo dos costumes caboclos, a macumba é conhecida com o nome de "pagelança". Rodrigues de Carvalho aponta na introducção do "Cancioneiro do Norte", obra classica do folk-lore nordestino, algumas peculiaridades.

Escriptores como Graça Aranha, Xavier Marques, etc. têm procurado fixar essa manifestação religiosa de nosso povo. Nenhum, porém, conseguiu pintar com côres simples, mas, expressivas como fez Mario de Andrade na descripção daquella macumba do Mangue no "Macunaima".

As tentativas dos escriptores, por mais vivas, jamais, entretanto, puderam realizar a resurreição ardente que Eugenia Alvaro Moreyra com o sortilegio de sua arte realizou.

O Brasil é feiticista, a sua arte tambem. Felizmente, por amor de nossa originalidade esthetica, ha, no Brasil, mais macumbas e candomblês que Igrejas...

No baile de 2° anniversario do Texaco Athletico Club

HISTORIA DE UMA ALMA

ALVARO LADEIRA

(Para o meu querido amigo
Fritz de Lauro)

Elle veiu de manso e, fazendo-me sentar junto á mesa, principiou a contar-me.

O relogio batia exactamente oito horas.

Fazia frio. A lareira crepitava. E os seus olhos, fulgurando mais intensamente pela luz das chammas, pareciam duas saphiras grandiosas.

E accendendo o charuto:

— Sou allienista. Minha profissão é penosa. Pretendo endireitar cerebros. Gosto de concertar almas. Um dia, appareceu-me no consultorio, desvairado, um rapaz. Em grande emoção, contou-me sua historia. Estava neurasthenico. Soffria duma angustia immensa.

Tinha consciencia dum estado de allucinação. Já consultára eminentes medicos. Nenhum conseguira livral-o da grande dôr moral que o affligia. Apertando convulsivamente as mãos dizia-me:

— Salva-me, Dr.! Sinto, apenas, que vivo automaticamente. Comprehendo um estado morbido que me perturba dia a dia. Estupido. Sem razão de ser. Posso falar, rir, cantar, chorar, comer, beber, mas a insomnia é horrivel e a ansiedade me desorienta.

Os dias se succedem. Não sinto melhoras. Sou rico e joven. Não existe um motivo serio para o meu desespero. E eu adoro, senhor, uma joven. Linda e pura. Ella está longe.

Escreve-me cartas longas. Cheias de ternura. Fala-me num enlace proximo. E eu não posso enviar-lhe noticias satisfactorias, alegres, esperançosas, sorridentes. E' um anjo e eu nunca fui máo!... Dr.! Perdi minha alma! Tenho sentimentos bons! A vida quer me fugir sem que eu saiba como! Na minha edade! Salva-me da tenebrosa angustia! Dá-me, de novo, o somno! Eu desejo trabalhar! Ser bom! Ser util! Ser feliz!....

Elle chorava, debruçado nos meus braços. Examinei-o. Um corpo inteiramente normal. Sem lesão alguma. Apenas o reflexo pupillar indicava um pouco a alteração psychica. Receitei. Quando sahiu, ainda desvairado, senti um aperto no coração.

Voltou, depois, com frequencia. Sempre se queixando. E a lembrança daquelle amor magnifico perdurando sempre na alma commovida. Dei-lhe conselhos. Fiz o tratamento psytherapico. Nada. Lamentava-se amargamente. Dizia não ter razão para soffrer tanto. O destino fôra responsavel pela grande amargura de sua vida, embora não fosse fatalista. Culpava a propria vida. Pois, meu amigo, a minha medicina, foi impotente nessa caso. Nunca mais o vi. De quando em quando, eu lembrava aquella physionomia de martyr, cuja alma soluçvva.

Passaram-se mezes. Um dia, inesperadamente, dei com elle, na rua prazenteiro!, sorridente, lepido, levando airosamente pelo braço interessante creatura. Sorri vencido. Comprehendeu o meu espanto. Então me disse, fazendo a apresentação da esposa gentil.

— Eu não estou sentido com o Sr., sabe? A medicina nem sempre póde curar.

Soffri muito. Nem quero lembrarme. Vou contar-lhe como consegui livrar-me do mal. Encontrei um remedio que me indicára um simples homem do povo. Não custava dinheiro. Dizia que estava commigo. Era a Fé! Pediu-me que pensasse em Deus. Que o meu pensamento se elevando tranquillo fosse uma oração divina. Acceitei o conselho e fez-se redempção! Imaginei Jesus, o supremo salvador dos homens! Entrei, durante mezes na Igreja, para assistir o suave officio. Orei com crença espiritual. Convictamente.

Dia a dia, assistindo o espectaculo das melhoras, confiava mais no Senhor. Um dia — e era inverno — abrindo os olhos, conheci a luz!

Estava curado, Dr.! Senti tanta alegria que as lagrimas correram nas minhas faces!... Deus — a imagem da Fé — conseguira me salvar piedosamente.

Então, o palco da vida, me pareceu infinitamente bello, encarado por um prisma soberbo. Tudo renasceu deante da minha nova existencia, porque fiquei conhecendo o amor universal. A dôr afinára o meu ser desviado para o lado inutil da existencia. Hoje, sou missionario da bondade, porque pratico o bem sem intenção de recompensa. Aprendi amar os meus semelhantes como a mim mesmo. Sou feliz, Dr. Despediu-se de mim. Fiquei a olhal-o de longe, sentindo-me diminuido deante da sua fé. Era, agora, um verdadeiro homem.

O allienista acabára de contar a milagrosa historia. Levantou-se e, jogando o charuto fóra, passou a mão pela cabelleira branca, como que recordando saudoso. Eu não disse uma palavra tambem. Fiquei pensando, apenas, profundamente, emquanto lá fóra a neve cahiu de leve, como um sudario do céo...

Festa de anniversario da Senhorita Maria Rosa Guimarães Garcia.

Um sonho que viveu

AH, como é bom conseguir-se ás vezes uma doce evasão da enfadonha vida diaria e poder-se mergulhar de corpo e phantasia num sonho de écran, deliciosamente acariciante!

Longe até do automovel, numa visão retrospectiva a um passado que desejariamos fosse o nosso, pleno de musical belleza, de cousas extranhas e boas que a palavra não traduz, interprete infidelissima de toda a emotividade!

Noites de Vienna... (não é réclame! ou então a gente nunca poderá dar expansão ao que sente devéras?). Operetas das imaginações ardorosas, num protesto constante contra a vulgaridade bestial que enerva; grande parque eterno de diversões, farandola de graça e illusão, qual vocabulo pintará a impressão que despertastes, sobredoirando angustias de pessimismo?

Um film... é bem pouco!

Successão de imagens, punhado de aureas mentiras fallazes... até não falta a historietasinha de amor, para gaudio das meninas sentimentaes, — não é assim, poeta sceptico? — a parvoice do romantismo, e no emtanto, como se diz em "Ouvir... estrellas", procura-se o refugio da tela fugindo á realidade aspera ou tediosa, para viver a vida que não se tem a coragem de realizar, ou que se realiza mal.

Fim do seculo dezenove... que encanto esse retrocesso, no tempo de tudo synchronisado!

Fardas quasi a Offenbach, não o digo por mal, pois gosto tanto da Ufa! — a apotheose da loura cerveja classica, a heroina igualmente loura e tão linda, tão encantadora, que até mette raiva o ser-se tambem mulher... romances e aventuras de estudantes em férias, antes das graves responsabilidades e attribuições que a vida confere... o mais bello conto digno de ser vivido, desenrolado junto ao não menos classico Danubio; mas a repetição é tão boa! Si eu pudesse, vivia repetindo!

E o sonho viveu, despetalou-se após florir, irradiou scentelhas de magica poesia, fulgiu nas tranças blondas e no violino consagrado, que soluçava e bramia a um tempo a dôr das dôres que é a renuncia, tão impiedosa, tão má...

Porém a palavra não diz nada! A vibração incomparavel que a retina transmitte á sensibilidade, não se descreve,... quem poderá luctar contra a **insania verba?**

Os céos de belleza que todas as artes nos offerecem, si os pudessemos revelar!

Mas tambem o garôto **railleur** do senso commum não nos permitte enlevos e arroubos excessivos... que a galeria póde rir e patear.

E assim foi apenas: mais um sonho que passou...

HELENA DE IRAJÁ

Não se lembram della?
E' Danielle Brégis que esteve no Lyrico e tinha uma vóz muito clara e umas luvas muitas pretas. O vestido foi desenhado por George Barbier e com elle Danielle Brégis cantou e representou com grande exito um dos principaes papeis de "Robert le Pirate", no Châtelet.

Photographia colorida

POR

PH. SOUPAULT

DESENHOS DE

JEAN HUGO

JULIANO dorme. Que faz? Ronca. Que faz? Sonha e caça uma mosca. Juliano desperta. B o c e j a, estira-se, recosta-se na cama. Juliano precipita-se na banheira, lê o jornal e fuma. Elle tem a mania de fazer muitas coisas ao mesmo tempo. "Eu estou vivo", diz a cada instante e, para o provar, agita-se. Devora o café com leite escrevendo cartas e tocando piano na mesa.

Juliano é um rapaz grande, muito loiro e muito rosado, méde mais ou menos 1 metro 90 e pesa 72 kilos. A quem não sabe elle participa.

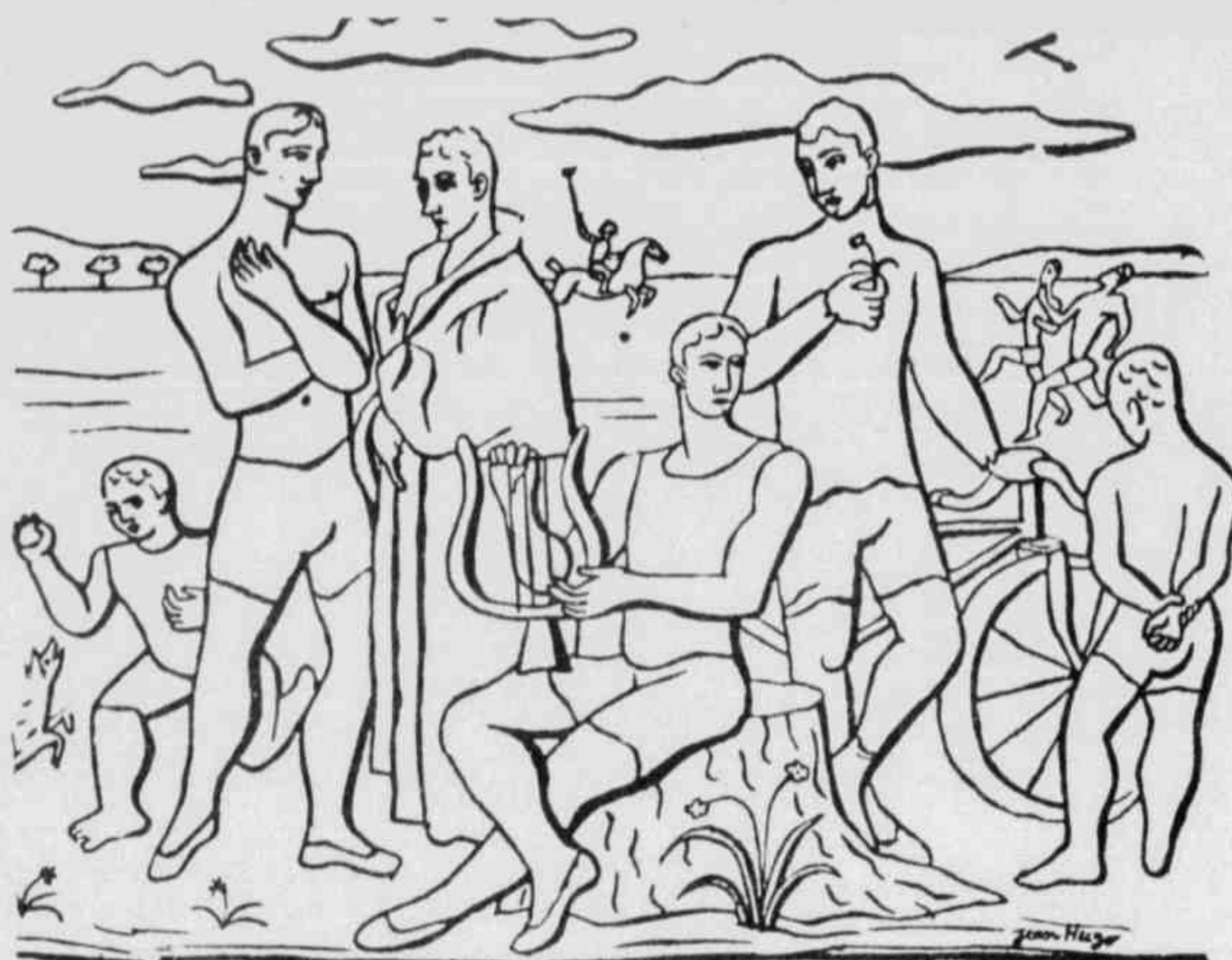
Está prompto. Sahe girando a bengala e assobiando. De vez em quando tira o chapéo. E' muito popular no bairro. Todas as manhãs aperta a mão do padeiro e do papeleiro. "Esplendido dia!" exclama, ou: "Que tempo horrivel!" Péde noticias de toda a familia e dos negocios. "Bravos! tanto melhor!" e segue, orgulhoso como um cavallo; a bengala gira entre os seus dedos, caminha ligeiro, muito apressado, muito distrahido. Restam-lhe apenas cinco minutos. Apréssa mais o passo. Quasi que corre. As reviravoltas da bengala são cada vez mais rapidas e, por fim, eil-o que chega ao Café do Globo, onde pede um "picon-citron" e com que escrever.

Juliano é escriptor.

E' coisa sabida. Elle diz a todo o mundo: "Eu sou poeta." Estufa o peito, passa a mão pelo rosto, cruza as pernas. O garçon traz-lhe o "picon-citron" e Juliano se põe a escrever o seu grande poema. Molha lentamente a penna na tinta, examina-a, experimenta-a, descança a mão sobre o papel e começa a pensar. Aperta os olhos, passa a lingua nos labios, funga e molha de novo a penna. Principia a escrever, muito de pressa, depois pára bruscamente, repousa, recúa para olhar longe os versos, hesita; em seguida, energicamente, apoia a mão esquerda sobre o papel e fecha-a. Confessa: "Meu poema é uma tolice." Tem muita sede, bebe de um trago o "picon citron" e tosse. Muda de mesa, péde um "vermouth-cassis" e com que escrever. Recomeça, os olhos, o nariz, a lingua, tudo se mexe, tudo funcciona. A tinta é má e o papel se rasga com o contacto da penna. Por fim escreve, escreve

Juliano é escriptor.

Escriptor muito orgulhoso da sua profissão, gósta que lhe perguntem porque escreve, como compõe os poemas, mas não responde directamente. Fórma imagens: "Escrevo como uma arvore perde as folhas. Vou caminhando; de repente, qualquer coisa na minha cabeça se torna pesada. O verso está maduro e tomba docemente como um vôo de folha." De outra vez, declara: "Conhecem essas machinas americanas registradoras? Aperta-se um botão, apparece no alto uma importancia e retira-se o troco. Eu sou como essas machinas. Dou o troco." "Escrever, é difficil, a gente tem uma idéa, uma boa idéa, ella róda na cabeca como a bola de marfim da roleta. Durante muitos dias, róda, róda; depois lentamente, e, por fim, pára. Ganhei, resta-me apenas sentar á mesa e escrever."

Juliano acaba de encontrar um amigo. Apertam a mão um do outro, sentam-se rindo. Juliano fala ligeiro e procura persuadir o amigo de que o seu proximo romance é uma obra-prima. Está escrevendo-o. "Escuta Alfredo, sei que tu és intelligente e que poderás comprehender-me. Explico-te em duas palavras o assumpto: Um rapaz, muito loiro e muito alto, mora em Paris. Trabalha muito, lê mais ainda. E' muito vivo. E' tambem muito activo: os seus versos têm muito successo. Um dia, cahe doente. Morre. Desespero da familia e dos amigos. Descrevo o desespero. O enterro, flores, coroas, mil lamentos... Missa muito bella, com musica. Abre-se o testamento. Admira-se a philanthropia do morto. Organisam festas consagradas ás suas obras. A renda é destinada ás obras que propagam o sport nas classes pobres. Vês o assumpto, não é? Creio que é muito vivo. Dá-me sinceramente a tua opinião."

O amigo e s t á um pouco espantado e confesso que acha a historia macabra. Mas Juliano se revolta. "Alfredo! pensava que eras mais intelligente. Não me comprehendeste. E's ridiculo, meu pobre amigo. Previno-te, levas uma vida perigosa. Tens os olhos abatidos, os labios violaceos; um bom conselho, não frequentes mais esses bars, busca não só a saude physica, mas tambem a saude moral." Alfredo ri ás gargalhadas: Juliano, estás aborrecido. Olha-te um pouco no espelho. Procuras de modo doentio a saude moral. Estás nervoso."

Juliano é esportivo.

A's segundas-feiras joga tennis, ás terças golf, ás quartas faz caminhadas a pé, ás quintas joga rugby...

Elle é trees-quartos aza, mas se aborrece. As disputas lhe parecem muito longas e para se distrahir grita: "Vá... Attenção... Marque..." Critica, berra, perde o folego, mas quando agarra a bola não quér mais deixal-a. Galopa, faz balanceios, péde soccorro. "Que azar! Um segundo mais, eu marcaria bem no alvo." Diz graças e discute. Acha o arbitro injusto, o terreno humido, os companheiros fracos. Ou então, dá gargalhadas, debochando o juiz.

"Por que praticas esportes, Juliano?"

"Gósto da saude, gósto do sangue vermelho, dos bifes, das batatas fritas, do vinho puro. Gósto de retesar os meus musculos, sentir que elles respondem á minha chamada; assim fico mais lucido. Sinto-me forte e vivo. Respiro á vontade, tenho pulmões normaes, bons olhos, solido appetite. Caminho sem fadiga, corro sem ficar esbaforido, levanto um peso de cincoenta kilos sem esforço, tenho optima saude." E Juliano dá exemplos. Salta por cima de cadeiras, agarra o interlocutor pelas pernas, ergue-o e vae deposital-o a alguns metros de distancia. Manda que lhe toquem nos musculos, no "biceps" esquerdo, nos jarretes, rasga um baralho de cartas sorrindo.

E' apaixonado das corridas de bicycletta. Todos os campeões das estradas e das pistas são amigos delle. Trata-os por "tu", chama-os pelo nome proprio ou pelo sobrenome. Sabe os records de cada um de cór, calcula as possibilidades, indica o favorito da proxima corrida. "Ah! disse elle ao seu querido Alfredo, si tu visses o esforco desses homens. As costas se curvam. Vôam. Ligeiros como flechas. E sabes o que lhes espéra? Um traço de tinta branca a 300 kilometros dalli. Que coragem!" Mas o que elle prefere, são os "boxeurs!" Camaradas, amigos. Encontra-se Juliano numa noite "pugilistica." Os olhos saltam-lhe das orbitas. Está vermelho como um gallo. Está suffocado, gagueia para explicar o proximo match. Annunciam o combate. Precipita-se para o seu logar e antes de começar o combate berra para encorajar os "boxeurs." Dá soccos no ar ao mesmo tempo que lanca commentarios. Late, assobia, bate-palmas. Como está encalorado!

Não repousa nem nos intervallos. Interroga os visinhos, discute os golpes. De repente, grita: "Vá, Criqui!" Todo mundo olha e elle continua berrando: "Cambada de idiotas. Por que olham para mim?" Grita cada vez mais e não se dá conta de que o combate recomeçou. Enxuga o suor. Na luz de mercurio, todos os espectadores estão esverdeados. Juliano continua escarlate. Explode: "Levantem-se! Saiam!" O combate torna-se mais intenso. Sob um falso firmamento estrellado de lampadas electricas, ao luar de uma lua quadrada, na bruma espessa da fumaça, os dois grandes corpos brancos dansam e, de subito, um ponto negro, um socco enluvado se levanta e tomba com um ruido secco. A dansa continua, monotona, um braço se desembaraça, um golpe sôa. Curvado, os dentes cerrados, um "boxeur" ataca e o outro titubeante, cahe e estende-se por terra, escutando os numeros que esvoaçam num silencio allucinante: "Um, dois, tres quatro, cinco, seis..." No "nove" o corpo que se torcia no chão se aplaina, os braços em cruz. Vencido. Um grito enorme. E Juliano que applaude, assobia e, ao mesmo tempo, bate com os pés. Pára de assobiar para gritar, de bater com o pé para se erguer, de applaudir para agitar o chapéo. A multidão se precipita em torno do ring como formigas, Juliano fala alto. Elle não foi ainda vencido. O match de Juliano contra os visinhos apenas começou. Aperta mãos, saudando amigos, combinando "rendez-vous" para a proxima exhibição. Ri, precipita-se para apertar a mão do velho camarada vencedor, para consolar o vencido. A multidão o empurra. Elle protesta. Emfim pára.

Juliano é esportivo.

Em Paris, toda noite, depois dessas lutas que elle qualifica de epicas, Juliano passeia de bar em bar. Dirige-se a todos os freguezes para contar as proezas do campeão do qual foi um dos "tratadores" no que diz respeito a conselhos. Conta e borda a narrativa com detalhes inéditos e esplendidos. " O esporte, meus amigos, não ha nada como o esporte, ouçam bem, a saude do corpo, é magnifica. Um bello tronco, bons pulmões." Quando, emfim, encontra os camaradas, não cabe em si de contentamento. Avista Alfredo. "Oh! tu, cretino! Por que não foste ao "Vél d'Hiv?" Foi uma coisa homerica! Criqui é o rei do "knock-out." Preferes perambular pelas ruas ou nos boulevards. Terminarás tuberculoso."

As recommendações acompanham-se de pilherias, mas num canto elle descobre uns amigos que encontrára no match. "Henrique! Vieste? Que é que eu te dizia ha pouco! Que bello golpe da direita e da esquerda. Uma, duas!" Entristece. Não procurem apenas a saude physica, meus queridos. Nada vale sem a saude moral!" A grande phrase é lançada. A saude moral. E' uma das grandes theorias de Juliano. Fala sem parar a proposito de tudo e sem nenhum proposito. Explica com grandes gestos. Dá exemplos. Mais parece um soldado do Exercito de Salvação. "Antes de tudo, é preciso ser alegre." E Juliano fala, fala...

Já muito tarde, entra em casa. Antes de tocar a campainha dirige algumas palavras ao policial de serviço. Acha-se emfim no seu appartamento. Despe-se ás pressas, faz alguns exercicios de gymnastica suéca, acerta os relogios, come a refeição fria que todas as noites manda preparar e se põe a escrever o seu grande romance.

Escreve, as moscas vôam, os relogios batem, as carroças de hortaliça trepidam sobre as rodas dentadas. Escreve em grandes folhas de papel branco. Espreguiça-se, abre a janella, torna a fechal-a. Escreve com uma caneta tinteiro. Tudo está preparado, Juliano começa. "Chamo-me Victor, tenho vinte e oito annos. Dizem que sou musico, mas eu sou é poeta. De noite sonho. Tenho tambem um grande cão dinamarquez; amo-o como a um irmão." O romancista pára, mette os dedos nos cabellos, relê a pagina. Franze a testa. "Não, não." E rasga a primeira folha de papel.

Para mudar as idéas, precipita-se para o gabinete de toilette, toma uma ducha fria, levanta halteres, penteia-se de novo e vestido com um peignoir azul celeste, recomeça o trabalho. "A mocidade. Penso, ás vezes, no sangue vermelho que me corre nas veias, nos meus cabellos muito louros. Quando corro, desejo amar os meus musculos. Nasci em Bourgogne, perto de Mâcon. As collinas da minha terra são doces como almas humildes." Pára, sacrifica uma segunda folha, Juliano está desesperado e ennervado. Dá formidaveis soccos num pobre "punching-ball." Boceja que quasi lhe cahe o queixo. Comprehende. Não póde lutar mais. Tem somno. Prende á porta um bilhete ordenando á criada para despertal-o ás 7 horas da manhã. Com a cabeça sobre o travesseiro, adormece murmurando: "A saude moral..."

O appartamento de Juliano se assemelha extranhamente a elle. Quatro peças no andar terreo, rua Coronel Moll, numa casa forrada de papel crespo. Uma ante-sala escura como um forno, onde florescem coisas pela paredes, uma pequena mesa e um immenso telephone scintillante como uma moeda. Perto da porta de entrada, um porta-chapéos, cheio de bengalas de todas as epocas e de todos os paizes o que dá a esse utensilio o aspecto de uma palmeira sem folhas. Penetra-se no salão por uma pequena porta envidraçada. Juliano chama essa peça de "studio." Mobiliou-a com uma grande mesa, um grande divan, uma enorme poltrona, cachimbos, photographias de campeões e pequenos objectos extravagantes. Em todos os cantos, empilham-se livros: sobre a mesa, nas estantes abertas, sobre o radiador, e sobretudo no chão. E' difficil dar dois passos sem pisar num livro, mas é ainda mais difficil assentar. A sala de refeições é menor e tem uma grande chaminé. Ha quasi tantos pratos quantos livros. Juliano acha mesmo que uma sala de refeições deve ter muitos pratos e forrou de pratos as paredes. O quarto de dormir é ainda menor. Uma cama, uma janella, livros e um armario immenso. A cosinha serve de casa para o cachorro.

A mais bella peça do appartamento (é preciso tirar o chapéo antes de entrar nella, affirma Juliano), é o gabinete de toilette. Juliano tem orgulho do seu gabinete de toilette. Quando leva alguem para visital-o, explica: "Aqui está a banheira, aqui o apparelho de ducha, systema Poulain, aqui o espelho Brot, aqui o "sandow!" Tudo é branco. Ha cinco lampadas diante de cinco espelhos, nenhum livro, uma enorme mesa de toilette cheia de vidros de alcool, de embrocações, de cremes para massagens, de luvas de crina... Juliano mandou tambem installar uma barra fixa, um "punching-ball"...

Num canto, ha um gramophone. Nas paredes, photographias retocadas indicando os setenta e oito exercicios que se devem fazer antes de dormir e ao despertar.

São dez horas. A criada que conhece o vocabulario de Juliano, bate na porta uma vez, duas vezes. Grita: "Senhor Juliano, são sete horas." Elle abre com ruido os batentes das ja-

nellas: o sol entra de chofre e bate em cheio no rosto de Juliano. Elle se levanta completamente entorpecido, mas já reclamando os jornaes. Entregam-lhe o "Auto" ou "Comoedia." Si Juliano começa o dia com a leitura do "Auto", ficará esportivo; si fôr com a da "Comoedia", ficará poeta. Mas habitua-se a claridade do dia, é embalado pela prosa dos chronistas esportivos ou literarios e lentamente succumbe. Uma hora depois a criada bate na porta gritando: "Senhor, senhor, são onze horas!" Juliano ergue-se, indignado, fecha os punhos e furioso, num bocejo, se reprehende: "A Saude moral." Atira longe o "Auto", a "Comoedia", os livros, as roupas nocturnas e toma, conscienciosamente, uma ducha. Gelado, ensopado, mergulha num banho e sahe coberto de sabão, e quasi febril, "onze horas, repete para elle mesmo, onze horas!" Resolve fazer apenas dezoito exercicios porque já é tarde, promettendose fazer os sessenta restantes á noite. Para não perder o habito, Juliano, faz muitas coisas ao mesmo tempo: devora as torradas accendendo um cigarro e alisando os cabellos. Bebe o chá escolhendo a roupa e coçando a cabeça. E já principia a falar: " Que erno devo vestir hoje? Vejamos, é preciso terminar o poema agóra de manhã. Meu terno verde — sim! Uma gravata? A preta com pois brancos. Muito bem..." Juliano se veste ás pressas declamando Beaudelaire

"Que m'importe que tu sois sage?
Sois belle! et sois triste: les pleurs
Ajoutent um charme au visage..."

mas interrompe para chamar a criada: "Adelia, Adelia..."

Batem na porta, "como vaes, Adelia? E o cachorro? o meu bello X...? E' preciso preparar-lhe a comida, um pouco de carne de perna picada, uma lagrima de presunto e muita batata. Se elle anda ajuizado, ponha tambem um pouco de manteiga."

E continúa a se vestir. De vez emquando chama Adelia. Depois canta. Fica triste. O romance não anda. Pensa no amigo Alfredo que não é esportivo. "Alfredo, tu és louco. O teu corpo é molle como manteiga salgada, os teus musculos assemelham-se a elasticos velhos. Escuta-me! Tenha um pouco de coragem. E' preciso terminar." Depois canta:

"Je suis toujours lá
Quand il ne faut pas
Ça m'a fait du tort dans
la vie ça"...

O sol inunda a rua. Um amolador agita uma pequena campainha, um bonde, numa avenida visinha parece um coelho mechanico e Juliano exclama: "Como estou atrazado!" Meio-dia: todo mundo se agita nas ruas, nas casas. Idas e vindas na escada ennervam Juliano que arrebenta um cordão do sapato. Com raiva, precipita-se sobre o "punching-ball."

Emfim prompto. Sahe de bengala na mão. Cumprimenta muito apressado os amigos e anda ligeiro. Pensa no poema, no campeonato de tennis, nos amigos, no cachorro, na saude.

Por fim começa a escrever.

"Je ne sais pas ce matin
La couleur du ciel
Suis-je triste?
Je ne veux pas le croire
Mes amis sont tout prés de moi
Alfred dont les yeux"...

Procura uma imagem olhando bem para a frente. Da penna mergulhada machinalmente na tinta, cahe um grande pingo. Boa occasião para rasgar a folha. "Como estou nervoso", diz elle muito alto. Um jovem que está proximo, responde: "E' verdade o senhor está muito pallido!" Juliano passa a mão pelo rosto. Tem medo. Pede um grog. Recomeça a escrever.

"Oú les grands vents s'endorment-ils?
Je laisse tous les crimes impunis
Mon coeur bat
Mes mains se tendent
Je ris dans le silence et dans la nuit
Qui tombe."

Juliano está desesperado. Prefere lêr os jornaes. Mas não encontra interesse nelles. Sonha. Agitando febrilmente o pé, olha fixo para frente e deixa a imaginação voar — associações de idéas absurdas rolam no seu cerebro. Uma casa de cabelleireiro lembra-lhe um quadro de Puvis de Chavanne, e o quadro, por sua vez, evoca-lhe uma partida de tennis em Samois. E como relampagos, lembranças e projectos se encadeiam, succedem-se uns aos outros. O riacho, a agua de melissa, o Casino de Deauville, a arrancada dos dianteiros do "Stade Français", a côr do seu terno novo... As horas passam e Juliano sonha. O poema ficou parado mas já não pensa nelle. De repente dá um pulo. Olha o relogio, um apito de trem acaba de lembrar-lhe um "rendez-vous."

Chama um taxi, sabe que está atrazado, crê sinceramente, e manda que siga para a Madeleine. Sonha ainda. Ennerva-se e bate com a bengala no carro. O chauffeur não sabe o caminho. Juliano debruça-se na porta, "Tome por Saint-Honoré." Depois cahe de novo no taxi, estende as pernas sobre os bancos pequenos e abandonado, deixa-se conduzir pelo chauffeur e pelo seu sonho. Fala muito alto...

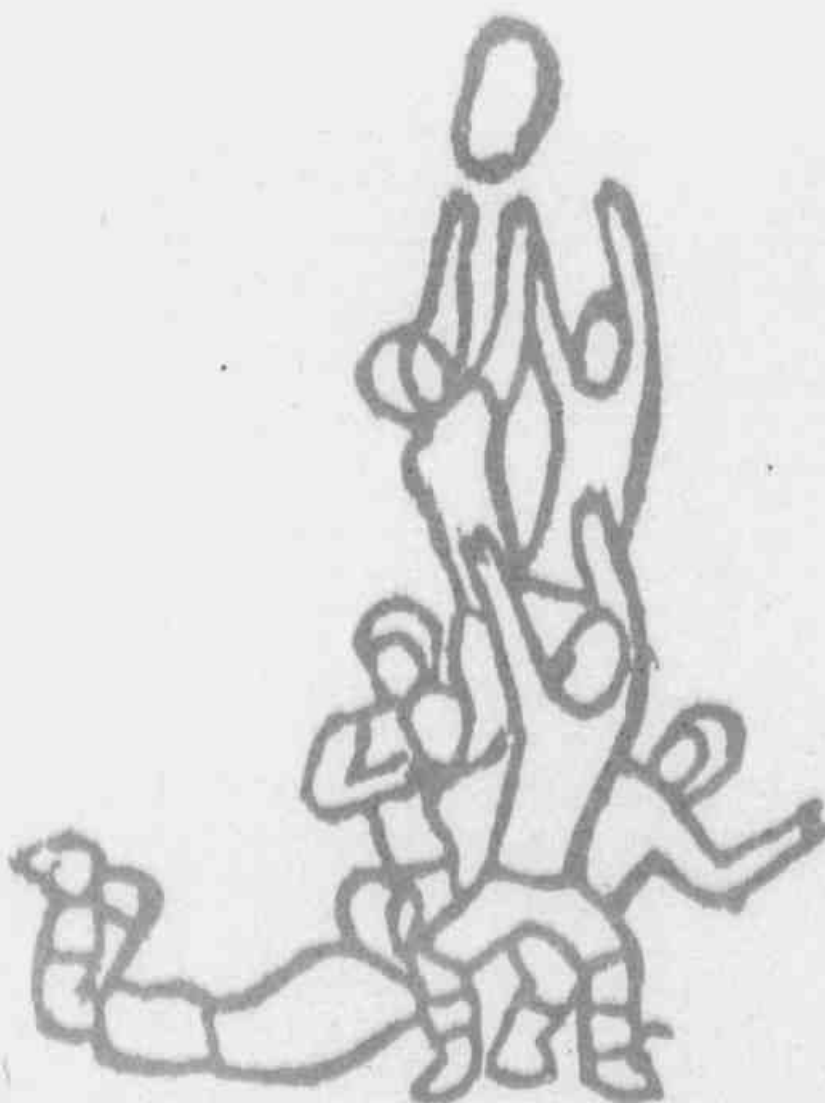
"Bertha, meu thesouro, estou atrazado, perdôe-me, eu te amo muito, pensei muito em ti, mas era preciso que eu terminasse o meu poema."

Enternece-se. "Pobre rapariga, é tão meiga e tão gentil. E é preciso desculpal-a. Não tem nenhuma saude. Léva uma vida! (Juliano levanta a mão). Deita-se tarde (Juliano apalpa as pernas). Preoccupa-se com os vestidos (Juliano sacode a cabeça). Fala, fala (Juliano fecha os punhos)." De repente fica encolerisado: "Bertha tu não és seria. Vou te dar um bom conselho. Repousa."

Juliano se perde. O chauffeur não conhece Paris, trocou de caminho, conduz Juliano para a Opéra. Como um passaro que sahe da gaiola Juliano está espantado por vêr a Opéra e o Crédit-foncier. Esquece o "rendez-vous." "Bertha vou dizer-te uma coisa boa (Juliano diz sempre boas coisas). E' preciso que durmas mais. Deita-te cêdo."

O taxi pára. Juliano continua a dialogar. Pergunta. Responde.

E emquanto isso Bertha se impacienta. A camarada de Juliano é muito sentimental. Quando a apresentaram a Juliano

(Termina no fim do numero).

Um Artista Do Rio Grande Do Sul

"Gente de circo"

F A H R I O N

"Ocio"

NÃO é a primeira vez que "Para todos..." tem a alegria de publicar desenhos de Fahrion. Agora, Fahrion está no Rio e fez uma exposição de alguns quadros na entrada da Associação dos Empregados no Commercio, Galeria Henberger. Foi a primeira mostra de arte de 1932. E foi um bello exito.

A viagem de Juarez Tavora ao Norte

A chegada ao Recife

Passagem pelas ruas da capital pernambucana

A Conferencia no Theatro Santa Isabel presidida pelo Interventor Carlos de Lima Cavalcanti

Emquanto gyram os discos...

Cinderella

O disco *10871* traz a já popularissima, *Marchicha do amor*, de Lamartine Babo, cantada por Francisco Alves e Mario Reis, Jayme Vogeler e Jota Soares.

PARLOPHON apresenta um successo seguro, retumbante: *Gosto de você, mas não é muito.* E' uma marcha de Francisco Alves e Ismael Silva, gravada no disco *13375*.

bis { Olha, escuta, meu bem,
E' com você que estou falando
Nenem;
Esse negocio de amor não convem,
Gosto de você, mas não é mui...to
Mui...to. }

I

bis { Fica firme, não estrilha,
Traz o retrato e a estampilha.
Que eu vou vê
O que posso fazer por você. }

I

Teu amor é insensato
Me amofinou mesmo de facto
Não leva a mal
Eu prefiro lei marcial.

Do outro lado, *Amar*, samba, cantado por Chico Viola.

E no proximo numero de *Para todos...*, daremos ainda letras de musicas carnavalescas, a principiar por outras maravilhas da Parlophon.

Um colosso! Está gravada no disco *10871*.

bis { Com a letra A começa o amor que a
[gente tem.
Com a letra A começa o nome de meu
[bem. }

Ai quem me déra ser um jasmin
Para você beijar (bis) no seu jardim,
Ai quem me déra ser um jasmin
P'ra você beijar, recordando-se de mim.

Ai quem me déra ser um ladrão
P'ra poder roubar (bis) seu coração.
Ai quem me dera ser um ladrão
P'ra poder roubar o seu lindo coração.

Ai quem me déra ser professor
Para ensinar (bis) o verbo amar,
E si eu pudesse ser professor
Eu tirava o *a* desse adeus que traz a dor.

Do outro lado, *Liberdade*, marcha de Ismael Silva, cantada por Francisco Alves e Mario Reis, uma proclamação de independencia para o carnaval.

Liberdade, liberdade,
O meu amor foi embora,
Pensando deixar saudade;
Eu nunca fui tão feliz.
Agora, sou eu quem diz:
Foi uma felicidade.

Mas, sem duvida, a melhor musica Victor para o Carnaval, a destinada á maior popularidade é a marcha *Gêgê*, de Eduardo Souto e Getulio Marinho (Amor), cantada por Jayme Vogeler, gravada no disco *10876*.

bis { Tenha calma, Gêgê; (bis)
Vou ver si faço
Alguma coisa por você. }

Não se aborreça,
Não é preciso chorar,
Não é tão pouco meu amor
Que as coisas vão melhorar.

O teu pedido
Já foi bem despachado
O decreto já sahiu
E' na enchada e no machado.

Do outro lado, *Nem é bom pensar*, samba de Americo de Carvalho, cantado por Jayme Vogeler e Jota Soares.

O Dr. Waldemar Medrado Dias entre amigos, no dia da sua festa de anniversario.

O casal Dr. João Stockler Coimbra entre parentes e relações na noite de 23 de Janeiro, quando festejou as Bodas de Prata.

A farandula que chega

(Conclusão)

Mascaras, são sempre as mesmas, as mesmas de todos os annos. Temos, porém, prazer, em revel-as, como se fossem novas para os nossos olhos que se illusiona porque não querem envelhecer nunca.

"Oh! cadê vira mundo Pemba,
"Oh! cadê vira mundo Pemba
Tá no terrero Pemba,
Com seu camborá Pemba,

. . . .

Dentro em pouco todas as arvores da cidade se sentirão invadidas pela estranha floração das serpentinas, que permanecerão soltas ao vento pelos tres dias de Reinado de Momo, para depois no alvorecer das Cinzas, seguirem o caminho de todas as cousas que tiveram em seu tempo alguma utilidade.

Ninguem mais se lembra das serpentinas, confettis, lança perfumes e mesmo das musicas que os animava na pagodeira de hontem.

Sempre ha de predominar o marasmo emanente da caterva humana. Leitor amigo sorria, gargalhe, porque a vida não vale um dia de carnaval e depois com que cara volvemos a realidade da... crise, e...

"Nem sempre o riso é alegria
Quantas vezes noite e dia
Nós levamos a cantar
P'ra não chorar..."

. . . .

Jacyntho Franceschini

CARNAVAL INFANTIL E THEATRO DA CREANÇA

Amanhã, Domingo, 7/II, ás 15 horas, no Theatro Phenix, realizar-se-á um lindo Carnaval Infantil, promovido pelos professores Pierre Michao Crusky e Vera Grabinska no qual será realizado um interessante concerto do Theatro da Creança, para o apuro das aptidões artisticas das creanças cariocas.

Toda creança, até 15 annos, póde tomar parte neste concurso, apresentando-se em dansa, cantos, declamação, etc., e vae receber um lindo mimo. Os vencedores do concurso, isto é, os melhores interpretes, serão obsequiados com valiosos premios.

A commissão julgadora, composta dos notaveis artistas e professores: Cecilia Meirelles, Vera Grabinska, A. Lorenzo Fernandez, V. Octaviano, Correia Dias e Pierre Michao Crusky, sob a presidencia de honra da famosa declamadora Berta Singerman, apresentará uma opportunidade unica para as familias cariocas revelarem as aptidões artisticas de seus filhos.

Além desse concurso, será realizado um desfile geral das creanças, para premiar as melhores fantasias infantis com valiosos brindes, a juizo das proprias creanças.

ILNA' PONTES DE CARVALHO

Meu Violão

ILNÁ PONTES DE CARVALHO

Voz das selvas em luto...
Quando eu te firo as cordas,
tu acordas
nos atomos lenhosos do teu bojo
o medonho fragor do vendaval abrupto;
o flebil pipilar dos pobres passarinhos
que ficaram sem ninhos;
o bramido da féra enraivada no fôjo
e o soluço pungente
dos galhos lacerados.
raizames trucidados.
que a enxurrada vae levando de roldão
na agua corrente...

Meu violão!

A tua bocca escancarada, inerte,
verte,
ao minimo impulso,
sob a pressão tão fraca do meu pulso,
em catadupas múrmeras, dolentes,
historias eloquentes
da selva verde e virgem em que nasceu:
são pastores amantes
são beijos palpitantes
que um tremular de folhas escondeu...
são tragedias de horror, onde em poças de sangue,
vêm alces expirar por uma corça langue...
E são historias de fadas,
de walkirias encantadas
que, nas noites de morbido luar,
vêm os noivos na terra inda buscar...

Meu violão!

Madeiro vivo a gerar o pranto,
um coração
de fibras a falar,
nessa voz secular
arrebentada ao imo da floresta...
Mas, uma noite de que guardo o encanto,
o Amor que eu esperava ha tanto, tanto,
teu canto acompanhou...
Embalde agora eu firo as mesmas cordas...

Vê, meu violão, vê se tu recordas
a genesis da dôr que a voz te sublimou!

Embalde no teu corpo a minha mão se enresta,
meus dedos te maltratam!...
Nos ais que ondulando se desatam,
a tua bocca lignea e fremente
repete sempre a melopéa ardente
do canto que escutou...

MO

VESTIDO *para jantar em renda branca muito simples e pequeno casaco da mesma renda. Modelo de Chanel. — Para a hora do chá, Patou apresenta um modelo de vestido em crepe Georgette preto com este original corpo em renda creme.*

AS ultimos modelos apresentam um exaggerado trabalho de recortes, prégas, incrustações, pospontos cujo resultado é quasi nullo. As mangas são tambem muito complicadas; abertas sobre fundos de outra côr, recortes em bicos até o cotovello, babados, etc.

O estylo das gollas não é menos original; ás vezes, uma absoluta ausencia de golla nem mesmo uma pequena tira, outras, gollas immensas, talvez as mais altas que temos visto até hoje.

Quanto ás pelles, só se usam, as pello raso. A Russia encerrou momentaneamente o seu mercado para as coisas de luxo, e de lá já não saem as pelles de alto preço. Por isso, o cumulo da elegancia consiste em usar, nem que seja apenas uma minuscula estola de legitima zibeline.

Sobre muitos vestidos, os bolsos representam importante papel decorativo. Muitas vezes são tão pequenas que difficilmente podem ter o nome de bolsos.

Outra inovação é a dos casacos de côr clara ou viva sobre vestidos pretos. Agora, todo vestido preto, é acompanhado por um casaco de côr. Até então esses casacos eram reservados aos vestidos brancos ou claros. O vermelho e o verde, em todos os tns, são as côres mais em moda. Combinadas com preto

E' *de "Campcommunal" este vestido de bordado suisso preto para a saia e creme para o corpo e o casaco*

DAS

são verdadeiramente seductoras.

As pelerinas voltaram a dominar tanto sobre os vestidos como nos manteaux. Dos trajos matinaes aos de soirée, sempre, pelerinas. Pelerinas que podem ser retiradas

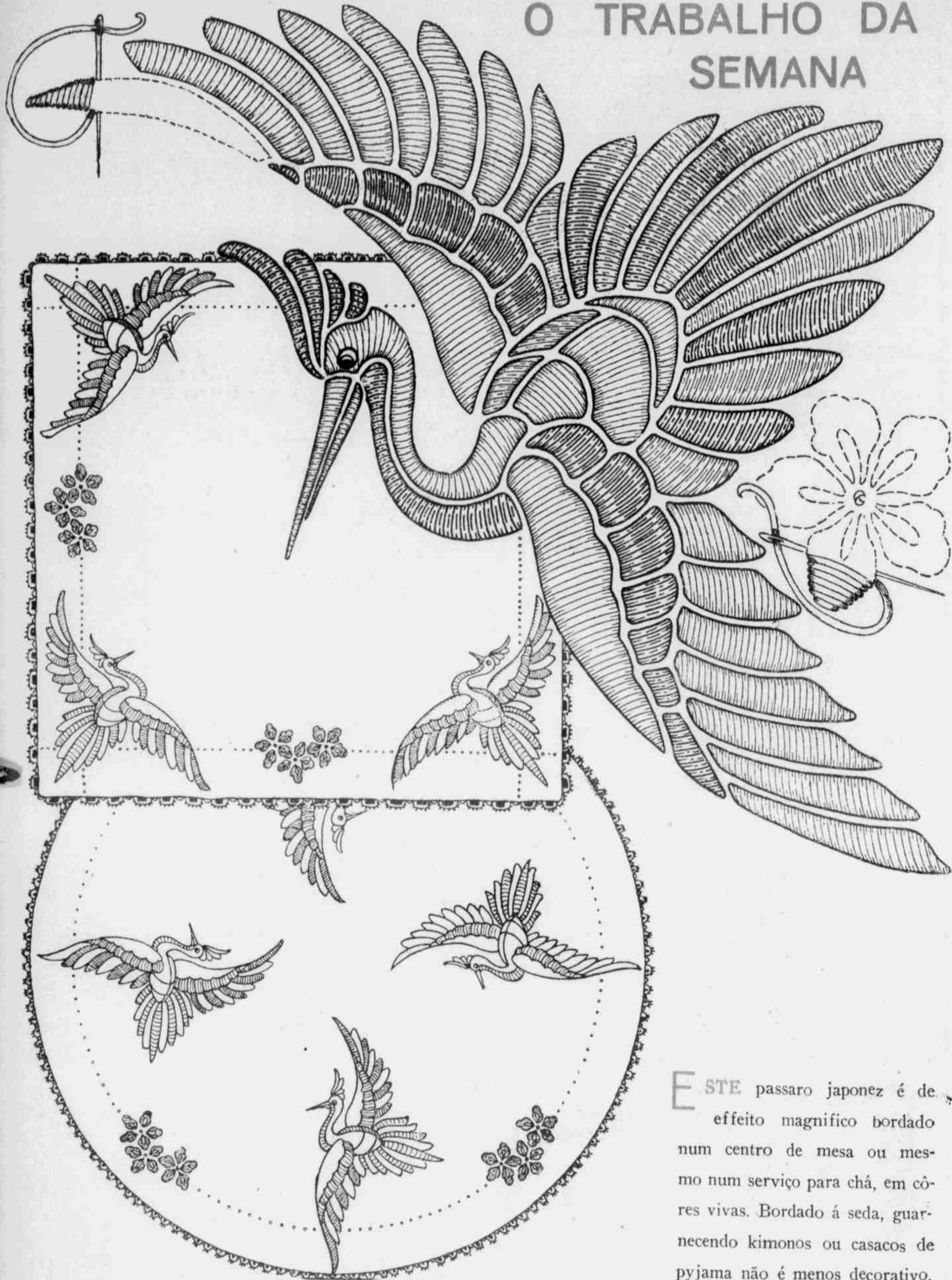
VESTIDO simples de crepe da China preto com golla, collete e punhos de bordado suisso branco. — Sobre uma blusa de crepe Georgette branco, inteiramente trabalhada em finas pregas, um lindo effeito de linhas transversaes obtido por entremeios de renda preta. — Vestido liso em crepe "marocain" preto com uma pequena golla e punhos de renda creme: — Outro modelo tambem em "marocain" preto com encrustações de Veneza creme. — Blusa em renda creme. Estreitos babados de renda creme guarnecem o decote e cobrem inteiramente a pequena manga deste vestido de velludo preto. — Vestido de "marocain" preto com ampla incrustação de grossa renda creme.

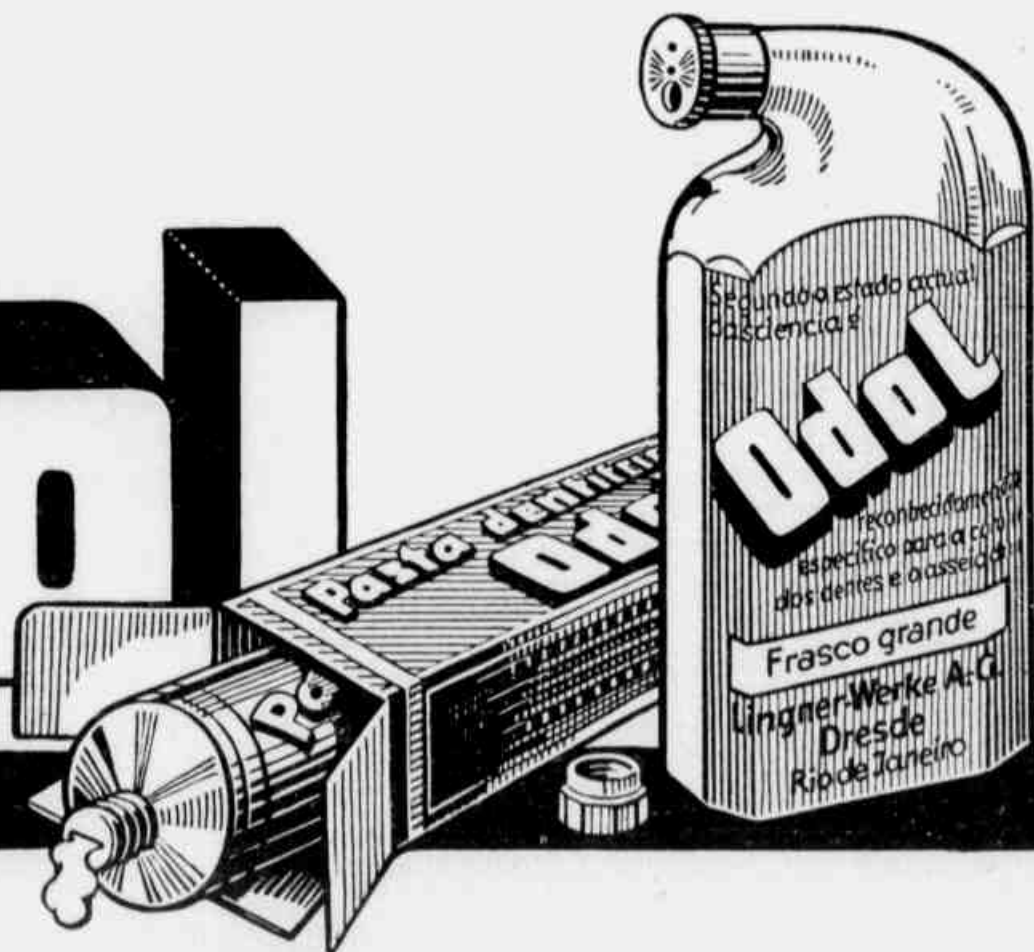
VESTIDO de "Maggy Rouff" em tussor natural. Capa de tussor verde vivo. — Costume de Paray em crepe setim branco com "pois" azul marinho.

em qualquer momento e levadas no braço. Os chapéus cada vez mais femininos, mais floridos, mais cheios de fitas.

Uma idéa: embora seja moda na Europa, (onde neste momento faz frio) não acham exaggero na estação que atravessamos o uso de luvas de pellica, como diariamente vemos nas nossas ruas?...

Para confecção de qualquer modelo procurem sedas nas Casas dos Tres Irmãos, Ouvidor, 134 e 160.

O TRABALHO DA SEMANA

ESTE passaro japonez é de effeito magnifico bordado num centro de mesa ou mesmo num serviço para chá, em côres vivas. Bordado á seda, guarnecendo kimonos ou casacos de pyjama não é menos decorativo.

Dentes
como um fio de Perolas
Escovar os
dentes com a pasta
ODOL
e empregar ao mesmo
tempo o liquido
ODOL
é transformar a
dentadura num
fio de Perolas.
A *pasta „Odol“* torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).
O *liquido „Odol“* penetra em todos os intersticios dos dentes, embebe de substancias desinfectantes os residuos ahi retidos, impedindo a sua decomposição e, deste modo, combate a causa da carie.
Odol
Pasta dentifricia Odol
Segundo o estado actual das sciencias
Odol
Frasco grande
Lingner-Werke A.G.
Dresde
Rio de Janeiro

O PAVOR
DA NOITE QUE
NÃO TERMINA
A tosse nocturna é o maior horror dos que soffrem de bronchites chronicas, asthma ou coqueluche. *O Bromil*, sendo um calmante e um espectorante poderoso, evita os accessos de tosse, permittindo dormir tranquillamente, o que é um beneficio e um allivio para os enfermos que, sem o providencial remedio, ficariam expostos ao suplicio das noites em claro.
KOHOUT New York
TOSSE ? BROMIL

Quando nossos Antepassados caçaram os Mamutes...

A natureza, mãe piedosa e pura, como a denominou o poeta, é mera imagem litteraria A natureza, ao contrario, é madrasta. É aspera. É brutal. Só o forte a subjuga e a applaca. E os que não a vencem são vencidos por ella.

O homem pre-historico combatia-a sósinho, servido apenas pelo seu vigor physico, que se robustecia na lucta.

O homem moderno vence-a com as armas poderosas do seu engenho mecanico. A vida organica do homem moderno, porém, - no manejo facil de seus apparelhos ou no exercicio da intelligencia - pouco ou quasi nada solicita da actividade muscular. Por isto o organismo do homem moderno necessita de um agente tonico exterior que o estimule e o retempere, substituindo para o corpo - conservado physiologicamente invariavel atravez das edades, - a fonte de vigor que era a acção para um antigo caçador de mamute.

E o agente tonico, por excellencia, é o Nutrion, o melhor fortificante conhecido, que combate o fastio, retempera os musculos e dá equilibrio ao systhema nervoso.

VI
NO
VI
TA
VINHO
DA
VIDA
PODEROSO
TONICO
RESTAURADOR
DAS
FORÇAS